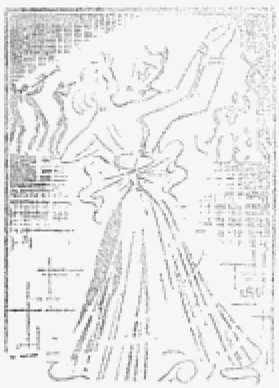
FON
Fon
Molde no suppl. annexo
Peggy Moran
000
RÉIS
EM TODO
O BRASIL

Não fique à margem da vida... Si os seus Rins não trabalham normalmente, e se o ACIDO URICO, o REUMATISMO, as DORES LOMBARES, lhe tiram a ALEGRIA DE VIVER, não perca tempo; use as PILULAS DE FOSTER, e gose os prazeres da vida.

PILULAS DE

FOSTER

PARA OS RINS E A BEXIGA



AO CHRISTO

(Amado Nervo)

Senhor, na escuridade vou sem norte.
Da crença de meus paes a luz sagrada
Já não brilha através da minha alma;
Será triste minh'alma até a morte!

Para aclarar-me em vão procuro a chamma
De uma estrella, e um amor que me reclama;
O meu divino ideal se encontra acima,
Muito acima de mim, que piso a lama...

Da lyra que me déste vibra incerto,
Entre molejos, o dorido accento,
E da noite se exrai no isolamento
Como os gritos de Agar pelo deserto.

E, do tedio nas sombras envolvido,
Eu, pária do destino, eu solitario,
Vou subindo o caminho do Calvario,
Sem ao Thabor, ó Mestre! haver subido!

Mereça-te piedade a minha pena,
Meu intenso labor multiplicado!
Dá-me a luz dos teus olhos, que asserena,
E dá-me, como déste á Magdalena,
A calma, pois tambem muito hei amado!

Alfredo de Assis
(Da Academia Maranhense).

"O GUASCA"

Cantava o guasca, findo já o rodeio,
sob a figueira brava do caminho.
Gemia do cantor o ameno pinho,
a modo a suspirar com o mesmo anseio.

A nostalgia ao coração lhe veiu:
paisagem da querencia... Eu adivinho:
da china, que era todo o seu carinho,
lembrou-se logo, de saudades cheio.

Apparelhou o baio de repente.
E o pingo relinchara de contente.
De pala ao vento, a galopar na estrada,

lá se foi com o seu lenço no pescoço.
A alegria lhe fez certo alvoroço,
quando a casa avistou da doce amada.

Hermino Lyra

INSTITUTO ABDON LINS

DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina. Do Laboratorio Bactériologico da Saúde Publica. Catedratico da Escola de Medicina e Cirurgia. Docente da Faculdade Nacional de Medicina.

SEÇÃO DE ANALISES CLINICAS:
EXAMES DE SANGUE, PÚS, ETC.
CONFECÇÃO DE VACINAS
AUTOGENAS, ETC.

RUA RODRIGO SILVA, 30

(1.º andar)

Telefone: 22 - 1385

ANO XXXV
NUMERO 2

Diretor :
SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,
11 de Janeiro
de 1941

FON FON

JIRIA

O falar carioca é simples e pitoresco. Possue termos que os dicionários registram com um sentido distanciado das intenções populares e que nem por sombra refletem o significado geral. São neologismos instantaneos, criados de acôrdo com as necessidades da hora, para definir os sentimentos, as emoções súbitas dos habitantes desta incomparável terra onde todos colaboram na formação de um idioma rico de expressões novas, que os criadores da língua desconhecem.

O moleque do morro, o radio-ouvinte de Cascadura, o "torcedor" de "foot-ball" que vai, aos domingos, fazer, nos campos, a crítica dos jogos da temporada; o assistente compenetrado dos "programas de calouros", o frequentador das mesas de café, onde se desenvolvem as "conversas-moles" que são autênticos "bate-papos" da cidade; a criadinha pedante dos bairros elegantes, o vendedor de modinhas, de cabelo rebelde e lábios sapientes, o colegial que detesta os puristas exagerados e estuda mais pelo manual da jíria que pela gramática de Eduardo Carlos Pereira, e tantos e tantos outros elementos da vida metropolitana usam, nas suas atividades, o vocabulário do seu opulento dialeto, que ninguém deixa de compreender e aceitar como causa definitiva.

A filologia local inventa, apenas, um novo sentido para os palavras que já existem, aproveitando, sutilmente, o espírito, a essência de sua acepção primitiva para uma aplicação diferente, sempre acertada.

São comuns, entre nós, mesmo na sociedade, as expressões "feio p'ra chuchú", "p'ra lá de simpatico", "rico p'ra burro", em que aparecem novas locuções adverbiais bem características da alma irreverente do carioca.

Os substantivos "peroba", "marmelada", "canja", "galinha-morta", "carne-assada", "facão", "pó-de-arroz", sociais, esportivos, radiofônicos, perderam, na jíria carioca, sua acepção inicial de árvore, doce, caldo de galinha com arroz, ave, alimento, alimentativa de faca, produto de perfumaria, para significar, respectivamente: "indivíduo covarde e cacete", "patifaria esportiva", "causa facil de fazer-se", "objeto que custa pouco", "vantagem", "artista de radio que canta mal", "torcedor do Fluminense"...

Com que propriedade flagrante a nossa jíria criou esses neologismos, em que foram tão bem aproveitados o sentido dos vocábulos e a formação material dos seres que eles indicam! A conversa do "peroba" é dura e maçante como pau. O jogador de "football" que dá vantagem ao adversario é como o chuchú que "banca" marmelo no doce das nossas sobremesas... A canja não é um alimento de facil assimilação? A voz da cantora de segunda classe corta, como o facão, a sensibilidade da gente...

Adjetivos como "vaselina" e "conversa-mole" definem bem o carater do hipócrita e do mentiroso.

Entre os verbos encontramos: "cair nagua" (fugir), "dar o teco" (amolar), "estar bombardeado" (não possuir dinheiro) e esse arrevezado e rebarbativo "desmilinguir", que substitue, magnificamente, o "derreter-se" aplicado á crioulinha que namora o caixeiro do armazem da esquina e responde ao lixeiro ou ao vendedor de frutas que também pretendem seu tórrido coração:

— "Vá caminhando, seu leguelé de jaqueta!"

Ao que responde, enfatuadamente, o galanteador:

—"Deixe de flasô comigo..."

E a crioulinha:

—"Sai, lero-lero!"

E' rico e original o vocabulario particular da cidade. Sua organização não é privativa de classes. Colaboram nele gregos e troianos. Mas a malandragem tem privilégio na escolha e na criação dos termos de sua linguagem. Porque a jíria lhe pertence e não poderia existir sem os malandros...

MARTINS CAPISTRADO

A ARTE DE SER BELLA

ABLUSÕES COM AGUA QUENTE OU FRIA

A temperatura da agua exerce uma influencia sensivel sobre a epiderme. Assim, se o rosto apresenta espinhas, pontos negros, etc., não se deve utilizar, nas ablusões, agua muito quente, e sim, apenas morna.

As pélles seccas, em compensação, resistem, perfeitamente, á agua em temperatura elevada, e até dão-se muito bem com ella.

As cutis extremamente seccas experimentam sensação agradabilissima com as ablusões de agua morna.

Aliás, é muito facil encontrar a temperatura da agua, que melhor convem a cada epiderme. A generalização é, ás vezes, impossivel, pois cada caso, em particular, requer um processo differente.

Ha rostos, por exemplo, que, depois de serem lavados com agua fria, apresentam um lindo colorido natural; noutros, ao contrario, o phenomeno só se produz, quando tratados pela agua quente.

* * *

CUIDADOS E ARRANJOS DOS OLHOS

Hoje em dia são raras as mulheres que não possuem olhos bonitos. Não se trata, apenas, de ter olhos grandes, pois já se admittem olhos bonitos, sem se levar absolutamente em conta o tamanho.

E é por isto que a téchnica do maquillage dos olhos variou fundamentalmente.

Presentemente, ninguem mais se esforça em mudar a forma do olho, mediante o emprego do lapis; o que se procura é accentuar o typo.

Ha excepção, está visto, quando se trata de olhos redondos. Em algumas mulheres o olho redondo dá ao rosto um cunho interessantissimo, mas, nem sempre é favoravel. Em taes casos é necessario, para alargar o olho, dar um traço duplo de lapis, na extremidade exterior do olho. Essas linhas não devem ficar visiveis; para disfarçal-as, procure-se esfumal-as, cuidadosamente, esfregando a ponta do dedo e usando cosmetico. Esse trabalho deve ser feito até que dos traços não reste senão uma ligeira sombra, pois os olhos perdem a metade de seu encanto, quando o trabalho de maquillage é visivel.

* * *

OS BANHOS DE AZEITE

O banho de azeite modifica fundamentalmente a condição da pélle, combatendo a seccura e rejuvenecendo os tecidos.

Mas, não basta applicar ao rosto, aos braços e mãos uma camada de azeite. E' preciso, antes, attrahir a estas regiões uma maior corrente sanguinea, seja por meio de massagens repetidas e vigorosas, seja pela acção dos banhos de vapor.

Só assim estará a pélle em condições de receber e aproveitar o banho de azeite. Os melhores resultados são obtidos quando o azeite foi, antes, ligeiramente aquecido, ou quando o rosto recebeu, tambem préviamente, um banho de vapor.

* * *

A CULTURA PHYSICA

Encontram-se, frequentemente, mulheres que, tendo um rosto bonito e uma estatura normal, poderiam ser verdadeiros typos de belleza, se cuidassem um pouco da esthetica de seu corpo.

Mas, por negligencia ou por falta de energia, descuidam desse detalhe tão importante — o do corpo bonito — carecendo, assim, desse encanto feminino feito de graça e de agilidade.

Uma aula diaria de cultura physica exige pouquissimo tempo. Os resultados obtidos são tambem perceptiveis em muito pouco tempo. A perseverança na pratica dos exercicios chega a operar verdadeiros milagres.

QUANDO FÔR Á *Praia*

proteja sua pelle contra as injurias do Sol...

SI a Sra. gosta de passar horas ao Sol das praias, não precisa ter receio das sardas que o excesso do Sol provoca. Proteja seu rosto com Leite de Colonia! Todas as manhãs e todas as noites, applique um pouco de Leite de Colonia no rosto, colo e braços. Leite de Colonia é um verdadeiro tonico, que limpa, alveja e amacia a pelle, corrigindo todos os seus defeitos e imperfeições.

Leite de Colonia

STAFIX assenta o cabello e realça a elegancia das Senhoras e Cavalheiros!

NOTAS DE ARTE

O ANO ARTISTICO DE 1940. — Durante o ano de 1940, assistimos a 111 exibições de arte, compreendendo — 1 RECITAL DE POESIA, de Margarida Lopes de Almeida; 4 RECITAIS DE MUSICA, sendo 16 de canto: 1 de Coetores da Russia Imperial (C. A. Michael Dido e Demétrio Criona (tens.), Estevão Stepoushkin (bar.), Ierinarh Zrasgowsky (bx.); 1 de Marion Mattaens; 1 de Nadir de Melo Couto; 3 do Centro Musical Roxy King (Ema Guimarães, Nazinha Fernandes Lima, Yolanda Laport, Maria da Gloria Lemos, Gilda Hehl Neiva, Herminia Fernandes Lima); 2 de Tito Schipa; 1 de Jan Kiepura; 1 de Olga Praguer; 1 de Cristina Maristany; 1 de Ana Maria Fiuza; 1 de Maria Figueiró Bezerra; 1 de Blanca Antony; 1 de Sylvia Lima Ramos; 1 de Santuzza Doria; 20 de piano: 5 de Magadalena Tagliaferro; 2 de Guiomar Novais; 3 de Miecio Horszonski; 5 de Artur Rubinstein; 1 de Noemi Bitencourt; 1 de Arnaldo Rabelo; 1 de Lubelia de Souza Brandão; 1 de Suzon Méghe; 1 de alunas do Prof. Lachmanid; — 4 de violino — de Sacha Heifetz; — 1 de canto, piano e violino do Centro de Desenvolvimento Artistico (c. — Altina Ferroni, Lilia Nunes, Narinha e Herminia Fernandez, Lili Seco; p. — Lourdinha Goncalves; v. — Chiquita Vasconcelos); 15 CONCERTOS, sendo — 11 sinfonicos: 2 da celebre *National Broadcasting Company Orchestra*, sob a regencia de Toscanini; 2 da Orquestra da Juventude Americana (*All American Youth Orchestra*), sob a regencia de Stokowski; 4 da Orquestra Municipal (2 na Temporada Oficial e 2 na Cultura Artistica), sob a regencia de Szenkar; 3 da Orquestra Sinfonica Brasileira, sob a mesma regencia de Szenkar; 1 da Orquestra Infantil, sob a regencia de Joanidia Sodré; — 2 de canto, piano e orquestra: um, sob a regencia de Fr. Ghione (c. Bidú Sayão; p. Guiomar Novais), e outro, sob a regencia de Henrique Spedini (c. Violeta Coelho Neto de Freitas; p. Yolanda Ferreira); — 2 do Quartetto Lêner (violinos Jeno Lêner (1º) e Josef Smilovits (2º), viola — Sandor Roth; violoncelo — Imre Hartman); 10 ESPETACULOS COREOGRAFICOS, sendo — 8 da Companhia de Ballados Russos de Monte Carlo, sob a direção artistica do coreógrafo Leonide Massine, tendo como regente de orquestra Efrem Kurtz e Franz Allrs, por principais interpretes — Alexandra Danilova, Nini Theilhade, Alicia Markova, Mia Slavenska, Nathalia Krassovska, Marina França, Irina Baronova, Frederik Franklin, Igor Youskevitch, André Eglevsky e que levaram á scena do Teatro Municipal estes bailados: *O Lago dos Cisnes, Sheherazade, O Espetro da Rosa, Alegria Parisiense, As Silfides, O Beijo da Fada, A Virgem do Lago, O Passaro Azul, Giselle, Bacanal, Principe Igor, O Carnaval, Bocatyri, O Fantastico Bazar de Brinquedos, Copelia ou A Moça dos Olhos Brilhantes, Tarde de um Fauno, A Cidade dos Fantasmas, Os Elfos, O Tricornio, A Sétima Sinfonia, Capricho Espanhol, Rubro-Negro Petrouchka, O Diabo em Férias, S. Francisco,*

Insupportavel!

No verão elle se queixava de calor insupportavel, de que a roupa se lhe pegava ao corpo e da vista turva. Não podia trabalhar, dormia sem descançar. O medico localisou o seu mal, attribuindo-o á "prisão de ventre insuspeita". Para mante-lo em bom estado em qualquer tempo o medico lhe recommendou um cópo diario de ENO, seguro e suave sal effervescente. Elle sabe que ENO refresca e elimina o veneno do corpo. Mas recommendou que insistisse no unico "Sal de Fructa": — ENO!

ELLE PRECISA

ENO

"SAL DE FRUCTA"

SENHORAS!

Vossos domesticos estão tambem sujeitos a acidentes...

A Lei impõe ao patrão prestar aos domesticos — vitimas de acidentes — assistencia hospitalar, pagamento de salario e indenisação por invalidez ou morte.

Mediante o módico premio de Rs. 25$000

tereis transferido tais obrigações á

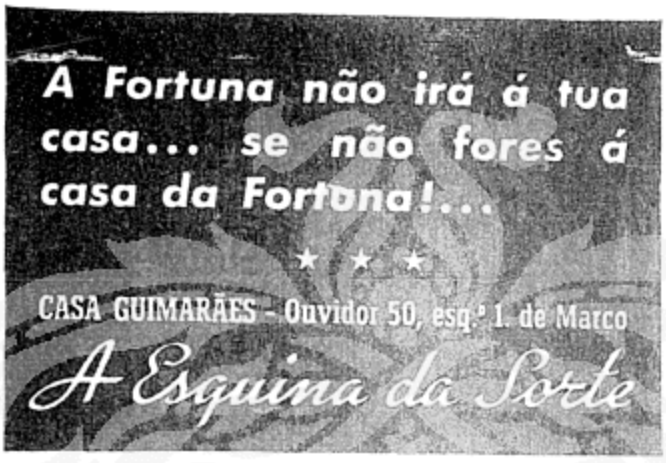
Segurança Industrial

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

137 — Avenida Rio Branco — 137

Rêde telefonica — 22 - 1840

SABADO 11 — 1.000:000$000



Premio maior - MIL CONTOS

Igrouchki; — 1 da bailarina nipo-coreana Sai Shoki; 1 de alunas da Diretora da Escola de Dansas do Teatro Municipal — Maria Olenewa; 11 ESPETACULOS DRAMATICOS da Companhia Dramatica Franceza do *Theatre du Vieux Colombier*, dirigida pelo artista René Rocher, composta dessa e das seguintes principais figuras — Rachel Berendt, Christiane Caron, Suzanne Courtal, Heléne Delval, Madeleine Lambert, Colette Proust, Fanny Robiane, Jaques Catelain Marcel Chavrier, Charles Deschamps, Roger Gaillard, Raoul Henry, Lucien Laurenson, Rafael Patorni François Rozet e José Squinquel — e que representou no T. Municipal estas obras: *La Premiére Legion*, de Emmet Lavery (trad. fr. de Jean Silvain); *Septembre*, de Constance Collene; *Le Venin*, de Bernstein; *L'Amour veille*, de Caillavet et Robert de Flers; *Le Paquebot Tenacity* e *Madame Souris*, esta de Jean Serment e aquele de Charls Vidrac; *Le Secret* de Bernstein; *Monna Vanna*, de Maeterlink; *Phédre*, de Racine; *L'âge de raison*, de Paul Vialar; *Le Barbier de Seville*, de Beaumarchais; *Les femmes savantes*, de Molière; *L'annonce faite á Marie*, de Paul Claudel; 25 ESPETACULOS LIRICOS sendo 15 — pela Grande Companhia Lirica da Temporada Oficial de Arte organizada pelo maestro Silvio Piergili, como mandatario da Prefeitura do Distrito Federal, com as seguintes operas, regidas a maioria pelos maestros Papi e Ghione e tendo como principais interpretes os sopranos Zinka Milanova, Bidú Sayão, Elisabelle Rethberg, Hilda Reggiani, Norina Greco, Maria de Sá Earp; os meios sopranos Bruna Castagna e Maria Benedetti, os tenores Tito Schipa, Galliano Massini e Jan Kiepura e Bruno Landi; o baritono Armando Borgioli e os baixos Giacomo Vaghi e Salvatore Baccaloni: *Aida, Traviata, Rigoletto, Trovador, Falstaff* — de Verdi; *Turandot, Mme. Butterfly* e *Bohemia* — de Puccini; *Carmen*, de Bizet; *Mefistofeles*, de Boito; *Manon*, de Massenet; *Andréa Chénier*, de Giordano; *Barbeiro de Sevilha* de Rossini; *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni; *Elixir do Amor*, de Donizetti; *Gioconda*, de *Ponchielle;* e 10 — pela Companhia Lirica Metropoliana, organizada na sua primeira fase pelos artistas Reis e Silva, Silvio Vieira e Carmen Gomes, e na segunda, por Carmn Gomes e Reis e Silva e subvencionada pelo Ministerio da Educação, tendo como primeiro regente da orquestra, o maestro brasileiro Santos Guerra e por principais interpretes Carmen Gomes, Julita Fonseca, Haydée Brasil, Haydée Teles, Nadyr Figueiredo, Reis e Silva, Roberto Miranda, Paulo Ansaldo, José Perrotta, Alexandre de Lucchi, e levando á cena as seguintes operas: *Andréa Chénier* — de Giordano, *Traviata* e *Rigoletto* — de Verdi, *Tosca, Bahemia* e *Mme. Butterfly* — de Puccini, *Pagliacci* — de Leoncavallo, *Guarani, Schiavo* e *Fosca* — de Carlos Gomes; 8 EXPOSIÇÕES DE ARTES PLASTICAS, sendo — 1 da Associação de Artistas Brasileiros (*Salão de Maio*), com trabalhos de Maria Margarida, Sarah de Figueiredo, Oswaldo Teixeira, Orlando Teruz, Maria Francelina, etc.; 1 de Dimitri Ismailovitch e Maria Margarida; 1 da menina Ana Maria Piergili; 1 da escultora Charitas B. Lienert; 3 do Museu Nacional de Belas Artes: 1. *Exposição de Arte Francesa*, 2. *O salão de* 1940. 3. *Exposição da Missão Artistica Francesa de* 1816; 1 FESTA: Baile Carnavalesco do Teatro Municipal.

Foram todas essas 111 exibições de arte registradas em 95 *Notas*, de que 85 publicadas em "Fon-Fon" e 10 em "O Globo".

OSCAR D'ÁLVA

Uma peça

NA manhã de primavera de 1920, Isabel Vale e Jorge Lopes ficaram, ao mesmo tempo, encantados por uma bela mesinha que figurava entre os objetos preciosos de uma velha casa de antiguidades.

Jorge, que havia apenas um ano saído da Universidade, trabalhava como interessado de uma companhia, e Isabel, que, dois anos antes, deixara uma escola de artes decorativas, trabalhava como decoradora em um importante estabelecimento. Era um sábado. Ambos estavam livres essa manhã e haviam resolvido percorrer, cada um por seu lado, porque devemos admitir que não se conheciam, algumas casas á procura de objetos que lhes agradassem.

Foi Isabel quem primeiro viu a mesa. E estava olhando-a, quando Jorge entrou no estabelecimento. Os olhos azues e penetrantes do jovem ficaram escandalizados com a falta de luz que havia na loja de antiguidades, mas nem por isso deixou ele de ver a linda mesinha que a moça estava admirando. Bem decidido, dirigiu-se directamente para onde se achava a mesa. Sem olhar Isabel, que, extasiada, tocava e apreciava o movel, examinou os pés e, depois, voltando-se para o antiquario, disse-lhe:

— Senhor Mertz, eu levo esta mesa.

O pobre homem, fingindo-se violento, apparentava limpar uns objetos, emquanto balbuciava:

de museu

— Mas... senhor Lopes... a senhorita veio antes...

Então, os olhos agues do rapaz fixaram-se na delicada silhueta de Isabel, que, por sua vez, levantara seu rosto desafiador para o jovem que queria disputar-lhe o tesouro.

— Agradou-me e eu a levarei — disse Jorge, resolvido.

— Sinto-o muito — respondeu ella, sem esperar que o antiquario decidisse, — mas a mesa é minha... Vi-a primeira.

Novamente se fez um silencio, e, afinal, sem replisar, o jovem tirou dinheiro do bolso e pagou, sem que o velho e a moça pudessem dizer alguma cousa.

Tranquilamente, dirigiu-se á porta com passo medido e atrás dele correu Isabel. A porta da casa de negocio abriu-se e os dois jovens passaram, rapidamente, por ela. Calculando seu passo para que se amoldasse ao dele, a jovem caminhava pisando forte para chamar sua atenção, enquanto Jorge fingia que não a tinha visto.

Ela tossiu.

— Oh! — disse ele, voltando a cabeça e aparentando surpresa. — Em que posso servi-la, senhorita?

— Em nada, nem pretendo que me sirva. Apenas o segui para dizer-lhe que o senhor é o homem mais indelicado que conhecí e que o detesto...

— Muito obrigado! Que mais? — disse elle, irônico.

— Nada mais!

Para continuar a discussão penetraram em uma confeitaria, e devemos notar a nossas leitoras que dois meses depois Jorge e Isabel ficavam noivos e o rapaz presenteava á noiva, juntamente com o anel de compromisso, a mesinha que servira para aproximá-los.

Depois de casados, cada um deles continuou trabalhando em sua profissão respectiva. Residiam em um pequeno, mas elegantíssimo apartamento e consideravam-se as criaturas mais felizes do mundo, ocupando a celebre mesinha o logar de honra da casa.

Mas ocorria uma cousa curiosa com ela: a pequena mesa destoava do resto do apartamento e nada, nenhum dos objetos que eles possuiam ficava bem sobre ela. Nos dias de festa os dois jovens esposos estudavam o meio de adornar a mesa, consultando os melhores livros de decoração. Mas tudo era inutil. E com um gesto de decepção eles se davam por vencidos.

Em 1930 os negocios andaram bem e Isabel deixou seu trabalho, para ir decorar, nos arredores da cidade, uma preciosa casa que Jorge comprou pensando fazer com ela uma hospedaria, para servir de uma parada no caminho.

No ano seguinte, já estava pronta a linda casinha, e aberta ao público. Isabel estudara detidamente a decoração até dos recantos mais insignificantes da casa, conseguindo fazer uma verdadeira obra de arte em decoração. Só a mesinha do antiquario estava deslocada no ambiente.

Pouco a pouco, o público entrou a frequentar a elegante hospedaria, que ficou celebre no logar. Tanto Isabel como Jorge estavam satisfeitos da marcha, cada dia mais promissora, de seus negocios e dedicavam-se, inteiramente, á decoração, procurando sempre detalhes novos.

Um belo dia, um auto luxuoso e elegante deteve-se na fila dos demais carros estacionados diante da hospedaria, e dele saltou Gonzalo Alvarez, o célebre pintor espanhol, que estava expondo seus quadros na capital e viajava pela America do Sul afim de procurar objetos raros para os museus, pois era considerado o melhor conhecedor de antiguidades.

Com um gesto prazenteiro começou a examinar a decoração geral de toda a casa, e sua cabeça movia-se louvando o bom gosto da dona da casa, formulando desse modo o melhor elogio que pudesse esperar Isabel. Depois do almoço parou em um recanto e, com admiração, tocou a pequena mesa do nosso conto.

— Poderia a senhora vender-me este movel? — perguntou a Isabel, enquanto esta, que julgava realmente de pouco valor a mesa, o olhava surpreendida.

(Conclue na pag. seguinte)

Bella...

Cuide da sua pele como da propria felicidade, se quer ser sempre bela. Para isso use o Creme Vindobona, produto cientifico, usado e recomendado pelas mais belas mulheres do mundo.

Creme VINDOBONA

À venda em todas as perfumarias

F. F. C. 1

LABORATORIOS VINDOBONA, URUGUAYANA, 104 - 5.º — Rio

Queira enviar-me gratis o folheto sobre "O Cuidado da Tez".

Nome. .....

Rua. .....

Cidade ..... Estado .....

MINHA AMIGA, A CIGARRA . . .

(A Olegario Mariano).

Ela cantou lá fóra o dia inteiro, veio
hoje á tarde morrer aqui na minha mesa,
— meu olhar, que ainda ha pouco estava alegre e cheio
de luz, turvou-se agora em singular tristeza...

Ouço, — e já ouvir não posso, — o estridulo gorgeio
que é a marcha funeral da tarde azul turqueza,
— sobre a folha do bloco onde ela está, releio
um verso que hoje fiz ao sol e á natureza!

Ela andava lá fóra, — era a boêmia do céu!
Mas na hora de morrer, trocou o azul de anil
pela folha de um simples bloco de papel...

Na tristeza em que estou, é isso que me conforta,
— ao menos, como poeta, o meu canto serviu
para embalar o sono da cigarra morta!...

J. G. DE ARAUJO JORGE

UMA PEÇA DE MUSEU

(*Conclusão*)

— Mas... a verdade é que esta mesa a adquirimos, meu marido e eu, ha uns quinze anos, e não creio que tenha muito valor... Parece-me que não fizemos um bom negocio...

Gonzalo Alvarez levantou a mesinha e olhou-a em sua parte inferior. Depois, sorriu a sua interlocutora.

— A senhora está enganada. Ha muitos anos, antes que o mundo me conhecesse, trabalhava junto a meu pai, em uma loja de antiguidades. Alí, aprendi a avaliar os objetos de arte, e quando tinha oportunidade de segurar alguma peça única, procurava marcá-la de forma imperceptivel, para tornar a reconhecê-la quando fosse necessario... E esta mesinha é uma dessas peças. Olhe aquí. Vê esta marquinha no começo do pé? Fi-la há cincoenta anos, por considerá-la peça única. Além disso, esta mesa tem sua historia e dizem... que traz sorte a quem a possue.

Isabel e Jorge olharam-se surpreendidos e, sorridentes, deram-se as mãos. Sobre esse movel, que eles julgavam falso, haviam conseguido construir um autêntico edificio de verdade e felicidade. Ambos pensaram, não sem razão, que "só sobre as cousas boas podem edificar-se cousas melhores". E, com um gesto, pediram ao artista que deixasse junto deles essa mesinha que havia sido seu amuleto.

TEREZINHA DE JESUS

Terezinha de Jesus:
Fiz preces tão fervorosas,
que tive, tonto de luz,
a minha chuva de rosas!

Ouviste os meus ais doridos.
Contudo, ao beijar-te o véu,
são tantos os meus pedidos,
que faltam rosas no céu...

SOBREIRA FILHO

OS GRANDE CONTOS — (Tradução sintética)

Quasi Jovens

Por Léon Claudel

REALMENTE o eram. E, no entanto, o marido contava noventa e nove anos e a mulher noventa e sete. Haviam celebrado suas bodas de prata em 1821 e as de ouro em 1846. E dispunham-se a celebrar as de diamante quando os conheci em uma manhã de julho...

— Alto! — disse meu pai, prendendendo sua montada ao tronco de uma arvore. — Faze o que faço: coloca teu cavalo junto ao meu e vem por aqui. Sim, abaixa-te: olha através deste vale e os verás, alí, juntinhos.

Ela, sentada á porta, tecia a sua roca; e, não longe daí, êle revolvia a terra da sua horta e, assoviando uma velha canção, fixava suas pupilas cor de cinza na sua terna companheira, a quem sorria.

— Que lindo está o céo, hoje, não é Manon?

— Realmente; está lindo.

O sino de uma igreja tangia, longe. Ele tirou o gorro de lã da cabeça e ela ajoelhou-se devotamente.

— E, agora, — disse o marido, depois de ter rezado suas orações — abraça-me, companheira.

— Vem cá, querido.

— Queres-me minha morena, tanto como antes?

— Sim, meu lourinho.

De meu peito emocionado subiu um suspiro e com voz menos firme do que teria desejado meu pai disse:

— Perdôem, avosinhos, mas, se não os incomodamos, entraremos um pouco...

— Não ha que desculpar: vão entrando vocês... Ah! são os moleiros da "Lande"... Vão refrescar a garganta. Traze alguma cousa, minha linda.

— Trarei já — disse ela com a fisionomia satisfeita e feliz de uma jovem.

Aqueles velhos tinham-se casado no segundo ano da primeiro republica. O último dos quinze filhos que tinham tido nasceu quando o terrivel imperador, prisioneiro dos ingleses, saiu para Santa Elena. Todos se haviam casado e multiplicado. O primogenito, Santiaguinho, já era bisavô. Quando se reunia toda a família, sentavam-se á mesa mais de quatrocentos cristãos. E tamanha multidão descendia daquele casal de centenarios, sempre enamorados.

— Tomem-lhes disse ao despedir-me, entregando-lhes uma torta e uma garrafa de vinho de Cahor — é uma lembrança de minha mãe. Receberam o presente sem melindres e falaram como se estivessem sós:

— Domingo, depois da missa, tomaremos um bom trago, hein freirinha?

— Sim, meu fradinho, mas cuidado que esse vinho sobe á cabeça. E não tinha nenhuma graça que, nesta idade, te puzesses a fazer moluquices.

— E que fazer, filha? Eu fui, sou e sempre serei um pouco louco...

* * *

AQUI perto aconteceu uma desgraça uma noite destas — disseram-nos, um dia: — o centenario do Pico Vermelho morreu repentinamente. Enterram-na amanhã, ao meio dia. Corri para lá. Logo que derramaram a agua benta sobre o feretro, todo o acompamento se dirigiu para a casinha. No humbral apareceu o viuvo. Acabrunhado, amarelo como a cêra, adiantou-se, tropeçando como um ébrio. Ao argentino som de algumas campaninhas o sequito se pôs em marcha. De pé ante o abismo em que jazia, enterrado para sempre, tudo que foi sua alegria neste mundo, o velho estendia os braços como se quizesse abençoar a morta. Entreabriu a boca e não acertou em pronunciar uma palavra. Quizeram retirá-lo d'ali mas ele persistia em ficar. De repente, uma avalanche de suspiros saiu de seu peito. Por fim, tartamudeando como uma criança, proferiu estas palavras:

— Querida! Oh! Minha companheirasinha!

Fui vê-lo alguns dias depois da inhumação de sua esposa. Esforçava-se para beber uns chás que lhe davam umas mulheres que tratavam dele, enquanto êle quedava estendido no amplo leito onde, por espaço de oitenta anos, se mantivera fiel á companheira de sua vida. Ao vê-lo tiritar e bater os dentes, quasi tão morto como aquela a quem chamava a todo momento, perguntei-lhe:

— Vovôsinho, sente você muito frio?

— Sim, sinto — replicou, apêlando para as ultimas forças que lhe restavam; — tenho muito frio desde que me abandonou a "minha vida", a minha querida companheirasinha!

E rindo e chorando como uma criança, beijava o logar, para sempre vazio, e que ficara livre no amplo leito conjugal.

Em viagem

Ha pessoas, principalmente senhoras, às quais as viagens por mar ou por terra agitam enormemente o sistema nervoso, produzindo mal-estar, tonteiras, sensações de apreensão e medo. Um ou dois comprimidos por dia, de ADALINA, são suficientes para restituir a normalidade ao sistema nervoso, permitindo o bem-estar durante a viagem e um sono calmo e tranquilo. ADALINA é remedio inofensivo a qualquer orgão.

ADALINA

BAYER

CALMANTE DOS NERVOS SUAVE E INOFENSIVO

"Guia da Belleza"

Este livro ensina a fazer, na propria casa, os tratamentos de belleza mais uteis e proveitosos. Traz os processos feitos pelo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clinica de Belleza da RUA MEXICO, 98-3.º and. Rio de Janeiro

Preço: 8$ pelo correio ou nas livrarias.

Busto

Augmente, fortifique e diminua o busto com os productos á base de HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e tortificar use o n. 1
Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos.
Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....

Ciranda

MEU querido Capistrano: Ciranda... Uma revoada de asas no azul, um halo fremente de abelhas em torno dos topazios dos favos reçumantes... Umas velas no mar fugindo do vento, tatalando. Tranças alvas de espumas que se entrelaçam, num remoinho louco de ondas.

Um bailado de crianças cantando, em volta de um lago. A dansa de cristal das gotas d'agua sob um repuxo. Aureola de plumas e de véos adejando no ar. Tremor de vôo, na indecisão de poisar sobre o beiral... Petalas e folhas desmaiando, soltas, esvoaçantes, marcando o ritmo de um instante no destino das rosas!

Teu livro é muito mais.

E' uma ciranda de almas afflitas. De almas que escondem a sua dor, que choram de olhos fechados. As folhas do teu livro são almas desfolhadas, lacrimosas, que esmaecem na ciranda dos dias e das noites, nos bruxoleios das claridades, nas agonias das sombras, nessa alucinada e eterna ciranda: a vida!

Teu livro é ainda mais.

Debuxas as tuas figuras em meios tons, esboças as criaturas em meias tintas. Possues as paletas do debuxo. Desenhas num vitral que apenas as mãos postas das chamas de uma lampada velam e alumiam. Pintas com as côres enfermas dos crepusculos das tardes agonizantes...

Tuas criações se vislumbram no fundo dos teus pensamentos, como as imagens entre as sombras sugestivas, misteriosas, dos quadros de Rembrandt. E's um pintor de miragens: os olhos dos que te lêm completam as imagens. Os que te compreendem são poetas também, porque sonham e, na adivinhação, estão criando o que apenas vagamente, sugeriste.

Assim, o teu livro é piedoso. E tinhas o dever de escrevê-lo. Só os livros inspirados na bondade, só os poemas tecidos de misericordia devem ser escritos, segredava a alma estranha e torturada de Oscar Wilde.

Obrigado, meu amigo. Estou guardando todos os teus livros. Embalsamando pedaços de tua alma. "Um livro, dizia Eça de Queiroz, é uma alma embalsamada". Tu ficarás vivo, para sempre, no velho coração do teu

EDVARD CARMILO

"CIRANDA", o novo livro do nosso querido companheiro de trabalho Martins Capistrano, vem despertando o mais vivo interesse nos circulos intelectuais do país. Livro feito de alma e de coração, porque todo êle é a ciranda da vida, vista, sentida, compreendida e focalizada em páginas de arte e de beleza pelo consagrado escritor de "Mára" e de "Vertigem", "Ciranda" é uma obra de observação psicológica, de ternura e de sofrimento, ás vezes, mas sempre tocada de profunda simpatia humana. Foi isso, precisamente, o que sentiu através das páginas de "Ciranda" o nobre e alto espírito de Edvard Carmilo, esse silencioso e pródigo semeador de beleza que, na grande terra paulista, vive a fazer sua vida "comme on fait une œuvre d'art", segundo o conceito d'annunziano. Nesta página estampamos a carta que êle dirigiu a Martins Capistrano, e que vale por uma consagração de "Ciranda". Publicando-a, agora, prestamos, também, nossa homenagem a Martins Capistrano, que viajou para o Ceará, em visita a sua terra natal, acompanhado de sua exma. senhora.

Caracter

QUE SE IMPÕE...

CORAJOSOS, valentes, decididos, os Bandeirantes embrenhando-se pelos sertões ignotos, dilataram as fronteiras do Brasil. O seu caracter era o caracter de authenticos "leaders".

Tal é o conceito que se ajusta ás mercadorias britanicas.

No Brasil, durante seculos, os productos da Inglaterra representaram sempre o mais alto padrão de qualidade. Revestidos deste caracter, jamais alguem necessitou pôr em duvida o valor de um producto inglez. E hoje, mesmo sob as condições de guerra, as mercadorias britanicas conservam o seu posto de primazia; ainda constituem, pois, o melhor que o dinheiro póde comprar.

• • •

Apezar das condições anormaes que a guerra motivou, as mercadorias inglezas estão chegando ao Brasil, como de costume. Da mesma fórma os productos brasileiros continuam a ser enviados á Inglaterra. Durante os primeiros nove mezes de 1940 o Brasil recebeu mercadorias britanicas no valor total de 403.221 contos de rêis, ao passo que a Inglaterra, em igual periodo, importou 730 288 contos de productos brasileiros.

Estas cifras mostram, portanto, um saldo em Londres de 327.067 contos a favor do Brasil.

CAMARA BRITANICA DE COMERCIO NO BRASIL, RIO DE JANEIRO

DEIXE-ME LER SUA MÃO...

ASTRID (S. Paulo). — Aquí vai a sua missiva:

"Presado Snr. Yves. Junto lhe envio minhas impressões palmares e peço-lhe o grande favor, se possivel for, de esclarecer as linhas das minhas mãos.

Pelas paginas do "Fon-Fon", tenho arpeciado a seção que está á seu cargo, aliás, muito bem desempenhado.

Aguardo a sua resposta e envio-lhe os meus agradecimentos.

Póde usar o pseudonimo — Astrid".

As suas impressões não estão bôas. Em todo o caso, como tenho bôa vontade em lhe ser útil, direi: não lhe é favoravel a sua estrêla. Mas v. ex. possue qualidades que o auxiliam a conquistar o que pretende. Sente-se que vem de bôa origem e que recebeu uma educação aprimorada. O começo de sua vida foi bom.

Aos 19 anos, as cousas mudaram. E daí para cá se têm modificado ao contrário de suas aspirações.

Muitos são os contratempos que se lhe têm deparado. Não fosse o seu "savoir faire", e certamente não conseguiria.

Há muito ainda o que dizer. Como disse, porém, as suas provas não servem. De resto, há segredo no caso...

E até um dia — se eu for a Baurú...

PAULISTA LOURA (S. Paulo). — Agradeço comovido a gentileza do seu telegrama de bôas festas e de votos de prosperidade em 1941. Desejo igualmente que as bôas fadas a protejam e lhe dêem um noivo rico — sé já não ouviu do padre o "conjugo vobis" sacramental.

MILONGA (R. G. do Sul). — Lamento que as suas provas estejam más. Elas não se prestam a estudo. Entretanto, revelarei a v. ex. aquilo que algumas linhas legiveis me dizem.

Ouça lá...

Até aos 15 anos, v. ex. teve uma existência tranquila. Tem-se a impressão de que viveu num ambiente feliz e onde tudo era alegria e ventura.

Aos 20 anos, sofreu um desastre que modificou inteiramente o rítmo de sua vida.

Como diz que é casada, — devo notar que houve, certamente, separação — mas v.ex. sofreu mais, e sofreu mais em todos os sentidos.

Dentro de dois anos, mais ou menos terá duas grandes surpresas: uma, será bôa, outra — desagradavel.

Não creio que venha a brilhar nas artes — mas, talvez no comércio. V. ex. é uma criatura demasiado material, e dá grande importancia ao dinheiro. (Entre parêntesis: eu também sou assim: só vejo no mundo o dinheiro... — Amen...)

Seu temperamento não lhe permite uma vida calma, sossegada, feita exclusivamente para o lar. Não será feliz nos seus afetos — que são vários e inconsistentes. Mas terá compensações amáveis nas aventuras constantes, a que o seu espírito a conduz.

O resto... só ao ouvido. Mas, como são longe os seus pagos, ó gaúcha bonita!

Quer saber o que dizem as linhas de suas mãos? E' facil. Ponha o fundo de um prato engordurado — com banha, graxa, manteiga, cêra, etc — sobre a chamma de uma vela. Passe, sobre as duas mãos, o fumo negro que resultar daquella operação. Calque, depois, as mãos sobre duas folhas de papel de linho, sem pauta, de modo que fiquem bem nitidas, e queira envial-as a YVES, nesta redacção, devidamente assignadas. Póde tambem usar tinta de imprensa ou rouge. E' imprescindivel remetter o coupon abaixo, o qual dá direito apenas a um estudo.

COUPON	*"Deixe-me lêr sua mão"*
Data	.....
Nome	.....
Idade	.....
Estado civil	.....
Local	.....

ROSA RUBRA (Capital). — Oh, muito agradecido. Pudera! Rosa rubra! Adoro-as! Nem sempre se devem esperar espinhos das rosas...

Mas, desejo que o ano que entra lhe seja igualmente pleno de venturas. Pelo menos, que êle lhe traga dinheiro, dinheiro, a que o vulgo chama "gaito", "grana" e outros apelidos que em nada o diminuem.

Que diz?

ORMINDA (Bahia). — Ha muito to que dizer a respeito de seu destino. Mas aqui não é possivel.

Que vida complicada!

E com tem sido pouco feliz em tudo!

AGOSTA (Capital). — Dou, aqui, a sua carta comercial:

"Yves. Redação do "Fon-Fon". Nesta. Presado Senhor. Venho mais uma vez pedir-lhe o especial obsequio de ler as linhas da minha mão, caso estejam legiveis.

Anciosamente espero a sua resposta pelas colunas do "Fon-Fon" e muito agradecida pela atenção que dispensar a sua constante leiotra — "Agosta".

Santo Deus! Será possivel que ninguém acerte a produzir decalques perfeitos das próprias mãos? E é tão facil!

Basta usar rouge ou baton, em pequena proporção — de maneira que as linhas fiquem nitidos, isto é, claras,

MALES DA ÉPOCA

A civilização trouxe, a par de grande beneficio, também grande prejuizo para a humanidade. Nesta época da velocidade, nem todos os pobres mortais conseguem adaptar-se ás novas contingências tumultuosas e exaustivas. Em consequência, reina um sem número de vitimas, dando impressão de epidemias de nervosismo sobretudo nas grandes capitais.

Muitas vezes esse nervosismo ocorre em pessoas aparentemente sadias, mas com desordens do metabolismo celular. Para estes casos basta, muitas vezes, o repouso de algumas semanas, um regime adequado, ou mudança de clima, para corrigir o estado psiquico. Casos ha, entretanto, em que é suficiente estimular o metabolismo celular por um medicamento fosforico para que túdo entre nos eixos. Neste sentido, o melhor medicamento é o Tonofosfan da Casa Bayer. Ele levanta as energias perdidas, com o uso de poucas injeções, fazendo desaparecer as manifestações erroneamente capituladas por «nervosismo ou neurastenia».

NOVO
methodo
DE TRATAR A PELLE

com vitamina da belleza

PARA conservar a sua pelle joven, assetinada e fresca, experimente o methodo de tratal-a pela Vitamina "A", a vitamina da belleza, contida no Creme Marsilea, á base de pepinos. Os resultados serão surprehendentes. Use-o sob as duas fórmas: Creme liquido, para limpeza e tonificação da epiderme; Creme em pasta, para nutrição e rejuvenescimento das cellulas.

AMOSTRAS GRATIS: { Drogaria V. Silva, Assembléa, 64

CREME E LIQUIDO
MARSILEA

LA-330

destacadas da impressão geral da palma da mão.

No época em que v. ex. me escreveu sua vida atravessava uma fase verdadeiramente critica, principalmente devido ao excesso de trabalho intelectual.

Depois, vieram [illegible]... Nem é bom falar...

Para ser franco, devo dizer que não tenho coragem de lhe [illegible] as [illegible] cousas que [illegible] em suas mãos. Muitas dessas [illegible] [illegible] neste começo de 1941. E [illegible] por diante [illegible]

Em [illegible] v. ex. [illegible] neurastênica [illegible] gosto de agredir as pessoas [illegible] [illegible] próprias [illegible]

Por que é assim? [illegible] procura [illegible] do Plano Astral?

DORITA (Capital). — E' verdadeiramente um encanto o seu amável postal que lhe agradeço e retribúo a gentileza de suas palavras cativantes e dos votos que expressa pela minha felicidade.

Que os anjos o auçam, Dorita... do Senhor...

TURQUINHA (Capital). — Até que enfim v. ex. reapareceu!

Quando me escreveu pela primeira vez, lhe dei uma resposta amabilissima, prontificando-me a ser-lhe útil em mais alguma cousa. E v. ex. — nem "muito obrigado"...

Agora, porém, me envia um delicado telegrama, me desejando felicidades em 1941.

Está bem... Está bem... Já é alguma cousa. Terei ocasião dêsse modo de usar aqui o logar-comum necessário: que o bom Deus (ou Allá, D. Turquinha?) a faça igualmente feliz — hoje, amanhã e sempre.

Gostou?

YVES

SUPER CÊRA
GOSCH
PARA SOALHOS

Usando-a uma vez por mez terá o soalho sempre brilhante.

CONSERVE INALTERADA
a Beleza de seus Olhos!

Não deixe que a fadiga roube a beleza de seu olhar. Use, diàriamente, Lavolho que clareia os olhos, tornando-os limpidos e atraentes.

LAVOLHO
PARA OS SEUS OLHOS

DRS.
Heliodoro e Carlos
OSBORNE
RAIOS X

Radiodiagnostico radiotherapia e exames em residencia

Cursos praticos de Radiologia, para medicos e estudantes.

Edif. Odeon 7.° and.

SALAS 718 e 719
Tel. 22-6034

RESIDENCIA:
Rua Copacabana, 1052
7 - 3866

A mulher de muitas CARAS

—JÁ' se conhecem, não é verdade? — perguntou o anfitrião.

E o rosto de Luiz assumiu uma expressão de diplomática cortezia. Preparava-se para dizer que ainda não havia tido a honra..., quando, súbitamente, notou o sorriso que brilhava nos lábios da jovem. E estremeceu, enquanto dizia, procurando recuperar a serenidade:

— Se nos conhecemos?...

Sentou-se ao lado da moça, e começou a falar volùvelmente, para que ela lhe perdoasse e esquecesse sua momentanea distração.

A mulher era extraordinàriamente bonita. Como se explicava, então, que Luiz houvesse perdido a recordação de seu rosto? Um momento antes, tinha falado com ela. Depois, dansaram... E agora, que tornava a encontrá-la, pouco faltou para que não cometesse uma *gaffe* lamentável!

Luiz observou sua companheira. Olhos azûes, uma boca fresca e perpetuamente aberta em amplo sorriso. O contorno de seu pescoço era tão puro como o das mulheres de Botticelli. "Eu gostaria — pensou — de saber o nome da jovem."

E foi para êle uma terrível surpresa quando um amigo lhe disse o nome, porque Luiz teve que confessar, imediatamente,... que já havia encontrado a moça em três festas anteriores! Havia até almoçado com ela em um *party* de beneficência... Almoçado somente? E conversado, e dansado até cansar!... E o espantoso era que, a cada novo encontro, a moça lhe parecia uma desconhecida, e era precisa, então, uma nova apresentação. Ainda aquela noite a desagrádavel cena se repetira.

— Helena Winckelman! — murmurou Luiz. — Oxalá não o tenha percebido... Uma mulher não perdoaria isso a ninguém!

Mas... uma semana depois, sucedia o mesmo.

— Vocês se conhecem?

Luiz ia responder: "Não tenho a honra...", quando o sorriso da jovem erguida diante dele o trouxe á realidade. Fez um esfôrço enorme para refazer-se e estendeu a mão.

Ocorreria o mesmo, outra vez que se encontrassem?

* * *

ENQUANTO dansavam, Luiz fez a Helena algumas perguntas. Soube que ela fôra a primeira espôsa de Hans Winckelman, de quem logo se divorciara. Hans casara, novamente, com Júlia Romney. Luiz estranhou que um casal tão encantador como o formado por Helena e Hans houvesse chegado a tão triste situação conjugal. "Com certeza, Hans se esquecia da cara, desta mulher, como sucede a mim..." — pensou Luiz, ironicamente. Mas, no mesmo instante, compreendeu que aquilo podia ser certo: em Helena havia *algo* estranho que obrigava a esquecê-la quando se deixava de vê-la. Conheceria ela essa desgraça que a perseguia?

Desde então, Luiz sentiu-se dominado por um pensamento: *Não esquecer a cara de Helena!* Cem vezes por dia, repetia: "Lembra-te dela! Lembra-te de sua cara, de seu sorriso!" Mas... se ia a uma nova festa, tremia ante o mêdo de que alguém pronunciasse perante êle o nome de Helena a horrível frase: *"Vocês não se conhecem?"*

Tomou algumas medidas de precaução, para não incorrer novamente em pecado de esquecimento. Seus amigos mais íntimos receberam com estranheza esta súplica: *"Se em alguma festa a que eu esteja presente virem Helena, mostrem-ma dissimuladamente"*. Procurava saber, antecipadamente, se Helena compareceria ou não a determinada reunião, e, com os olhos dilatados pelo receio de não reconhecê-la, procurava-a entre as outras moças. Até que, uma noite, enquanto conversava com Roberto Garr, este lhe tocou no braço e lhe disse que Helena acabava de entrar e se sentava a um canto.

—Indica-me com precisão o lugar, e dize-me como está vestida.

Roberto deu-lhe as minúcias pedidas. Um instante depois, Luiz corria para a jovem sentada em uma poltrona:

— Senhora Winckelman! Quanto me alegro em vê-la!

Helena sorriu. Teria adivinhado a astúcia? O certo é que, essa noite, se mostrou mais encantadora que nunca. Luiz sentia-se feliz, junto a ela. Dansaram, até que a concorrência começou a abandonar a casa... Foram, então, a um *dancing*, em companhia de vários amigos, e continuaram dansando até pela madrugada. Quando as luzes do amanhecer vestiam de rosa as ruas, Luiz se encontrou formalmente comprometido com Helena.

* * *

A' tarde, Luiz despertou com uma horrível sensação de mêdo. *Estava comprometido com Helena...* e seria incapaz de reconhecê-la se a encontrasse novamente. Desde então, procurou encontrar sinais que lhe permitissem identificar rápidamente sua noiva. Presenteou-lhe um anel de safira, e, cada vez que marcavam encontro, Luiz tinha o cuidado de indicar lugares de pouco transito, para que lhe fôsse fácil descobrir Helena. Pois, a-pesar-de tudo, a vida se tornou atroz, para o rapaz. Não podia esquecer, por exemplo, a tarde em que cruzou com uma jovem, na rua Rog, e a olhou distraidamente, até que ela lhe sorriu.

— Querido... Que tens? Não me conheces?...

Luiz procurou um pretexto e falou de negócios importantes que lhe distraíam a atenção. Mas Helena passou o dia preocupada e pediu a Luiz que apressasse o casamento. Temia ela, porventura, qeu êle a abandonassem? Conhecia a verdade, talvez...?

* * *

CASARAM-SE numa formosa manhã de maio, e em Londres não se falava senão na felicidade desse jovem par. Luiz não se afastava um instante de sua esposa, acompanhava-a a festas e reuniões e parecia desassossegado, até furioso, quando não a via perto de si. Devorava-a com os olhos, e quando regressava com ela ao lar, deixava-se cair em uma cadeira, cansado, mas satisfeito, porque evitara a repetição *daquilo*.

Na vida diária, Luiz exigia pequenas excentricidades a Helena. Por exemplo, que usasse um chapéu durante

o dia quando alguma amiga ia visitá-la. Dera-lhe um longo broche de diamantes, que ela colocava sobre o peito, e Luiz não perdoava um esquecimento nesse detalhe. A's vezes, durante uma festa, Luiz exclamava: *"Onde está minha esposa? Por favor... digam-lhe que venha para junto de mim!"* E ela acorria rápidamente, com seu eterno sorriso. Alisava-lhe, carinhosamente, o cabelo, e dizia: *"Querido..., és um desconfiado!"* Mas Luiz preferia isso a expor-se a não reconhecer Helena e precipitar um afastamnto entre os dois...

* * *

UMA noite, depois de seis meses de matrimônio, produziu-se o primeiro incidente. Era a primeira vez que aceitavam compromissos diferentes. Luiz devia comparecer a um baile oferecido por um velho amigo de infancia e Helena considerava-se obrigada a acompanhar sua familia, já que era o aniversário de sua mãe. A idéia de uma separação aterrou Luiz... Mas êle se via na impossibilidade de aduzir razões.

— Vai ao baile, querido — disse Helena. — Se eu sair cedo de casa, irei buscar-te em casa de teu amigo. Queres?

O terror voltou a apoderar-se de Luiz.

— Não... não faças isso! — contestou êle, pálido. — Será melhor que eu vá buscar-te em tua casa e voltemos juntos a nossa. E' verdade que não estou de boas relações com teus parentes. Mas...

— Como queiras — respondeu ela, que preferia satisfazer a Luiz

Beijou-o carinhosamente no momento de separar-se e mostrou-lhe o vestido, dizendo:

— Perdoa-me que não leve o broche de diamantes... Mas mamãe não gosta dele...

Luiz conteve um protesto e seguiu para a casa de Warburton. Durante o baile esteve nervoso, pensando no momento em que entraria na casa dos pais de Helena. E se alí houvesse outras moças... e êle não acertasse em seu cumprimento?

Warburton aproximou-se, sorrindo. A seu lado vinha uma jovem de belo semblante que a Luiz pareceu vagamente familiar.

— Conheces esta encantadora dama? — disse seu amigo, em tom chistoso.

Luiz, um pouco perturbado, aceitou a pilhéria.

— Penso que sim — respondeu.

E os três ficaram conversando até o momento em que Warburton se separou para atender a outros convidados. A jovem olhava atentamente Luiz.

— Alegras-te por ver-me? — perguntou.

— Vamos, agora...

Luiz sentiu uma estranha sensação, como se uma invisível mão estivesse acariciando-lhe a nuca. Quem era essa mulher que o acariciava?...

— Vamos?... — murmurou, procurando localizar essa fisionomia. — Está bem...

Ela passou-lhe o braço pela cintura e ambos saíram á rua, depois de saudar, com inclinações de cabeça, os presentes. Luiz sentia-se desfalecer. Êle era casado... e todos o viam sair com essa mulher! Um taxí parara no cordão do meio-fio e a jovem fez Luiz entrar. Êle vacilou um instante, mas ela sorria.

(*Continua á pag.* 18)

Por JOHN VAN Druten

— Já lhe dei o endereço — disse ela, sentando-se a seu lado.

Luiz olhava-a com olhos espantados. Seu espírito procurava recordar todas as mulheres que conhecera em seu tempo de solteiro... e que houvessem chegado a fazer intimidade com êle. Provavelmente, essa moça ignorava que êle se casara seis meses antes..., e pretendia reiniciar uma aventura amorosa...

— Fiquei contente de não teres saído antes — disse ella, de repente.

E inclinou-se, oferecendo-lhe os lábios. Luiz beijou-a, sem saber o que fazia...

Era necessário decidir-se, e falar claro, para evitar complicações!

— Escuta, querida — murmurou êle.—Preciso dizer-te uma cousa...

— Que, Luiz?

— Suponho que o ignoras, porque faz bastante tempo que não nos vemos... O fato é que me casei, sabes?... E estou verdadeiramente apaixonado por minha esposa! Compreendes... Ela está esperando-me, nestemomento, e eu...

Luiz não sabia que espécie de reação produziriam suas palavras naquela jovem. Mas a reação foi surpreendente:

— Cala-te, Luiz! — murmurou a mulher. — Não gosto que fales assim...

E aproximou sua face da de Luiz.

— Lamento-o, mas o que digo é a verdade...

— Cala-te! Não digas cousas absurdas, Luiz! — insistiu ela, com um ligeiro tremor na voz.

E Luiz viu que essa mulher parecia estar assustada.

— Devias levar a sério o que te digo, querida — protestou êle. — Pensas que brinco?...

Sua voz era grave. A jovem olhou-o fixamente e, de repente, se retirou para um lado do assento, exclamando:

— Falas sério?

— Seríssimo!

— Oh! Agora compreendo! — gritou a mulher, histèricamente. — Meu Deus! Que horror!

Luiz não sabia que pensar. As palavras da jovem não tinham sentido, para êle.

— Amas, verdadeiramente, tua esposa? — balbuciou ela.

— Muito! Supunhas que não?

— Alegro-me que a ames... E permite-me, então que me despeça. Descerei aqui.

Luiz segurou-a pelo braço:

— Que vais fazer? Não posso deixar-te na rua. Levar-te-ei até tua casa, ou até o hotel onde mores...

Mas ela já havia dado ordens ao *chauffeur*, e o taxí se aproximou do meio fio. A jovem abriu a portinhola, desceu e, sem dizer uma palavra mais, correu até a porta de uma casa. Luiz, impulsivamente, desceu atrás dela. E ficou, súbitamente, rígido: estava diante de sua própria casa! E aquela mulher abria a porta!

* * *

NA manhã seguinte, o advogado de Helena teve uma entrevista com Luiz. Helena ia iniciar ação de divorcio. Motivos?... *Tortura moral*. Luiz resignou-se, mas não sem antes tentar defender-se:

— A culpa é dela — disse ao advogado. — E' uma mulher que nunca se parece ela mesma E' uma mulher de muitas caras!

(*Conclue na pag.* 61)

A MULHER DE MUITAS CARAS

(*Continuação*)

Seja
PREVIDENTE

★ É preferivel prevenir, a ter que corrigir os defeitos da pelle, que tanto enfeiam o rosto. Rugól, usado diariamente em massagens, evita o apparecimento de cravos, espinhas, sardas, manchas e rugas. Rugól penetra até ás camadas sub-cutaneas e fortalece os tecidos, impedindo que a pelle se torne flacida, sem viço, e que se formem rugas e pés de gallinha. Rugól é a garantia da sua mocidade e da conservação da belleza de sua cutis.

Creme
RUGÓL
ALVIM & FREITAS, LTDA. • S. PAULO

Não Sofra

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho. Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

Use Regulador Gesteira

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

SÃO-LUIZ
EM CARTAZ

UM FILME QUE ESTÁ MAIS NA GENTE DO QUE NA TELA...
PELA SUA NOTA VIVISSIMA E UNICA DE SINCERIDADE ABSOLUTA!

SOL LESSER apresenta

NOSSA CIDADE

"Our Town"

WILLIAM HOLDEN
MARTHA SCOTT
FAY BAINTER · BEULAH BONDI
THOMAS MITCHELL · GUY KIBBEE
STUART ERWIN · FRANK CRAVEN

IMP. ATÉ 10 ANOS
ACOMPANHA UM
COMPLEMENTO NACIONAL

UNITED ARTISTS

CANÇÃO DA CHUVA

Chove...
E aqui tão só, de alma tranquila,
eu penso em ti, na tua graça,
enquanto a chuva tamborila
na vidraça...

Que noite fria!
Prêso á saudade que ataganta,
lembrando o nosso bom segredo,
eu penso em ti... E o vento canta
entre o arvoredo...

E o vento canta... E o vento chora,
curvando as árvores, malsão...
E a chuva cái, estrada em fóra,
na escuridão...

Só no meu sonho é que está perto
a tua alacre mocidade...
E, ó meu amor, nêste deserto,
como me pesa esta saudade!

Longe de ti é tudo triste,
tudo é sombra...
Minha saudade não resiste...
Que frio!

Abro a janela, tiritando:
rija, fustiga-me a nortada...
A noite é um manto agasalhando
a natureza enregelada.

O olhar, da sombra que apavora,
percorre a estrada
triste e nua...

Estás tão longe, ó Bem-Amada!

E o vento canta... E o vento chora...
E a chuva aumenta... e continua...

LUIZ LAMEGO
(Da Academia Fluminense).

(Do livro Arvore triste).

UM HOMEM QUE FOGE A'S GARRAS DA LEI... UMA MULHER QUE O PRENDE NAS MALHAS DO AMÔR!

JOHN
GARFIELD
FRANCES
FARMER
PAT
O'BRIEN

OURO LIQUIDO

RAYMOND WALBURN · CLIFF EDWARDS · TOM KENNEDY

HOJE
ODEON
No programa: Film Nacional

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gazes incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam damno; são suaves e comtudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não acceite imitações. Preço 3$000.

OS CABELEIREIROS DE SENHORAS FAZEM EM UMA FESTA DE ARTE E DE ELEGANCIA BRILHANTES DEMONSTRAÇÕES DE SUA ESPECIALIDADE

O «cliché» acima focaliza um interessante aspéto do S. Club dos B. que reuniu ha dias os cabeleireiros de «élite» da sociedade carioca numa festa de elegancia. Foram feitas brilhantes demonstrações praticas dos altos méritos dos «Coiffeurs» diplomados pela perfeita técnica L'Oreal de Paris.

PRF fon fon

TIRO FINAL...

DE

ALZIRO ZARUR

CONFESSO que, ao lançar as «Curiosidades», as «Utilidades» e os «Testes B-7», na Educadora, não esperava acceitação tão expressiva, tão decisiva, tão definitiva quanto a que têêm dispensado a essas trez iniciativas os radio-ouvintes enthusiastas. Fiquei sinceramente alegre, francamente feliz, ao verificar os resultados que valem por uma consagração...

Vae d'ahi, teriam de apparecer os venenos da mesquinharia humana. Appareceram. Uns viram plagio das «Curiosidades Musicaes» do Almirante (1). Outros viram «coincidencia» com os «Balangandans» da Mayrink, sem saber quem lançou realmente o processo...

Muito bem: vou matar a questão, já, já, definitivamente... Affirmei, ha tempos, nestas columnas, que se tratava de uma velha idéa minha, idéa que me brotou no craneo desde os meus tempos de simples radio-ouvinte... Chegou o momento de provar o que affirmei: em 1937, quando eu organizava o «Cock-tail Musical» da Transmissora, ás 5 da tarde, diariamente, eu já fazia «curiosidades», muito antes das «musicaes» do Almirante... Quem quizer verificar, abra qualquer jornal da epoca. Ha de ler, por força, annuncios como este, na programmação geral da PRE-8:

«17 hs. — «Cock-tail Musical» (Discos, poesias, contos rapidos, chroniquetas, commentarios, informações, curiosidades, etc.) — «Speaker»: Alziro Zarur». Etc...

Chega? «Deixal-os falal-os»...

Radio-Actualidades
DE PEDRO BLOCH

«O Bonde S. Januario»

DENTRE as melodias surgidas para o Carnaval de 1941 uma se destaca pelo seu sentido. Sentido em vivo contraste com a história do «seu» Oscar, cuja mulher fugiu porque não poude resistir á orgia e que voltou cansada e abatida esperando que o imbecil do «seu» Oscar» desse o feito por não feito. Não sei quem é o autor do «seu» Oscar». Não sei quem fez o «Bonde S. Januario».

Dizem-me que é o mesmo, ou melhor, que são os mesmos autores.

Se são... parabens!

Louvavel e digna de estímulo essa evolução. Realmente é grande o progresso de quem canta a mulher que fugiu deixando um bilhete vergonhoso e depois compõe uma melodia estimulando o amor ao trabalho.

«Quem trabalha é que tem razão
Eu digo e não tenho medo de errar,
O «bonde S. Januario
Leva mais um operário
Sou eu que vou trabalhar.»

Esta música é uma prova incontestavel da influência benefica que pode ter o samba quando as suas letras possuem um sentido louvavel, digno e constructivo.

«Eu digo e não tenho medo de errar!»

* * *

«Quindins de Yáyá»

Ary Barroso é personalissimo. Um compositor de valor. Não achei que «Despacho» fosse a sua producção «definitiva». A riqueza rythmica, o desenho melódico, a feliz harmonização e a letra curiosa e original dão a «Quindins de Yáyá» um lugar de destaque entre as producções dêsse grande e inspirado compositor popular.

* * *

Várias

Surgem novas composições para os dias de Momo; Mesquitinha voltou; Cyro Monteiro é o dono do Carnaval, tendo gravado o «Toma o lenço e vai», etc... etc... etc...; Theóphilo de Barros reingressou na Tupy; annuncia a Radio Club a inauguração de seus novos estudios para o dia 19; interessantes as complicações musicais; curioso o repertório de Alvarenga e Ranchinho; a Educadora esteve num dos seus grandes dias em 31. Anniversario de Gomes Filho a 14. Venha de lá um abraço, ó Gordo!!!

* * *

Eva Kovach e Werther Politano teem apresentado admiraveis programmas nas «Ondas Musicaes».

* * *

Berliet Junior formou-se em direito. Ao dr. José Assad o abraço amigo da turma cá de casa.

* * *

PREMIO

ROQUETTE PINTO

OSWALDO DINIZ MAGALHÃES

Este é o nome do primeiro candidato ao Premio Roquette Pinto, instituido por esta revista. Pela obra que vem realizando graças á sua victoriosa iniciativa em pról da radio-gymnastica, fica inscripto o seu nome entre os que irão disputar o Premio Roquette Pinto de 1941.

Osvaldo Diniz Magalhães é um dos pontos altos do nosso «broadcasing», conta com milhares de «fans» e tem levado bem estar e saúde a milhares de brasileiros.

— Merece ou não merece?

— Merece!

* * *

Quanta gente...!

— Quanta gente na janella! «O que é que há?!»

— Não sei. Só sei que um «speaker» «xingou» o outro de esquisofrênicos» «Conserve o seu sorriso»!

Oswaldo Diniz Magalhães.

Cordelia Ferreira

A Entrevista do FAN

DIVA NETUNO DE BOLIVAR ENTREVISTA CORDELIA FERREIRA...

1 — Em que dia, ano e mês nasceu?
— 9 de agosto de...

2 — E' carioca?
— Não; sou de Paranaguá, no Paraná.

3 — Qual o dia do seu aniversario?
— Deve ser o dia em que nasci: 9 de agosto...

4 — Quais os seus artistas de cinema prediletos?
— Charles Boyer e Bette Davis.

5 — Qual o poeta, e poetisa, que mais admira?
— Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Gilka Machado e Sylvia Patricia.

6 — Qual o seu esporte predileto?
— Tenis, que pratico sempre que posso.

7 — Porque razão não trabalha mais no cinema pelos ares?
— Porque, como deve ter notado, o programa foi modificado, atuando nele sómente Cesar Ladeira.

8 — Quais os cantores e cantoras de radio, que mais lhe agradam?
— Preferencias, posso te-las; prefiro, porem, silencia-las.

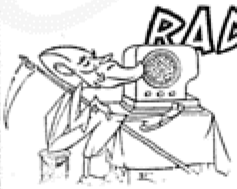
9 — Entre o radio-teatro, e cinema, por qual optaria?
— São generos que não se confundem; prefiro, pois, amoldar-me ao que as circunstancias me oferecem...

10 — Desde quando atua na Mayrink Veiga?
— Trabalho na PRA-9 ha cerca de 5anos.

11 — Gosta de dansar, de lêr, de musica, e de flores?
— De lêr, de musica e de flores, gosto; de dansar, já me esqueci...

12 — Torce por qual clube?
— Si quer se referir a clube de "foot-ball", digo-lhe que sou uma fluminense de bôa paz...

13 — Que pensa desta sua fan?
— Que é muito gentil, como aliás são todas as minhas queridas fans.



RADIO-REMINISCENCIAS

OS dois primeiros artistas contratados, com exclusividade, pela Radio Mayrink Veiga foram Carmen Miranda e Gastão Formenti. Recebiam, então, 500$000 por mês. Tambem, nessa ocasião, Francisco Alves foi contratado, recebendo 75$000 por programa. Cantavam ás sextas-feiras, dia em que se realizava, naquela emissôra, um dos mais interessantes programas de musica popular daquela época.

* * *

O programa das sextas-feiras, na Mayrink Veiga, sob a direção de Felicio Mastrangelo, reunia o que de melhor possuiamos entre os cantores de musica popular: Francisco Alves, Breno Ferreira, Sonia Barreto, Lamartine Babo, Mario Travassos, Gastão Formenti, o maestro Henrique Vogeler, Carmen Miranda, Josué de Barros, Lely Morel, Titto Soza, Patricio Teixeira e outros. Lembram-se?

* * *

Francisco Alves formava com Mario Reis a mais aplaudida dupla de musica popular e carnavalesca. Mas, nos studios de radio, Francisco Alves se apresentava quasi sempre sem o seu companheiro. Mario Reis não gostava do radio. Por que?...

* * *

Carlos Braga, o aplaudido compositor João de Barro, autor de tanta coisa bonita para o repertorio dos nossos cantores, também já foi interprete. Gravava na "Parlophon" e cantava em radio, justamente com o pseudonymo de João de Barro. Um de seus discos de maior sucesso foi o samba "Minha Cabrocha", de Lamartine Babo, que fez época no Rio de Janeiro, aí por 1930. Carlos Braga, o Braguinha, como o tratam seus amigos, cantava melhor que muita gente que anda por aí "assassinando" as suas inspiradas composições. Gravou muitos discos como cantor. Depois como autor. Hoje, grava também muitos discos, mas como "tecnico de gravação" da Columbia...

* * *

Albertinho Fortuna, o jovem cantor da PRB-7, surgia no radio ha bem uns 7 anos, justamente na Radio Educadora do Brasil. Certa noite de 1933, tinha êle talvez uns 10 anos, cantou no "Programa Excelsior", que Francisco Perdigão dirigia, a canção "Diga-me esta noite", muito em voga na época, creação de Jan Kiepura. Foi o seu primeiro contáto com o microfone. E foi umgrande sucesso. Que bela voz tinha o menino! Alguém ao lado profetizou: — O Albertinho, com esta voz, fará... fortuna.

Mariana Campos interpreta canções lusas no veterano programa "Horas Portuguesas", sob a direção competente de Genaro Gama, na Radio Ipanema.

De Mansinho...

POR DJALMA MACIEL

NOTICIOU-SE que o sr. Teofilo de Barros fôra contratado pela Mayrink Veiga, para exercer as funções de seu diretor-artistico. No entanto, o antigo orientador da Tupi, dois dias depois, resolveu voltar aos penates da rua Santo Cristo... Jamais me ocorrerla a possibilidade de tal acontecimento, pois, além do interessante aspecto financeiro da oferta da PRA-9, o risonho e simpatico *radio-man* pernambucano parecia ter muitos motivos de queixa do pessoal da PRG-3. A verdade, porem, é que voltou, e segundo dizem já está arrependido. Na Mayrink o caso repercutiu desagradavelmente, uma vez que o convite dirigido a Teofilo de Barros por Cesar Ladeira representava de fato o ponto de partida da nova fase da estação. Assim, será preciso arranjar outro orientador intelectual, afim de ser cumprido da melhor maneira possivel o plano de melhorias gisado pelo sr. Edmar Machado, cujo objetivo principal, neste ano de 1941, será o reajustamento da velha emissora á evolução tecnica, literaria e artistica das congeneres cariocas, especialmente da Radio Nacional. Tenho para mim que o risonho Teofilo andou errado preferindo a PRG-3. Não que a PRA-9 seja melhor. Nunca. Mas, sem duvida, os estudios de Santa Rita estão mais proximos do centro da cidade. A rua de Santo Cristo é tão contramão... Só ter que ir lá todos os dias!... Eu regeitaria por isto e também porque, embora não supersticioso, sempre acatei estes conselhos de meu avô: não voltar a residir em casa onde morreu alguem da familia; não aceitar, de novo, a cosinheira que foi despedida por ter queimado o arroz; e não montar em cavalo que dá coices no dono... Aliás, meu avô também tinha muita razão quando avisava: "Olha, que nesta questão de passaros é melhor dois na mão do que quatro voando!"...

Carmelia Alves, uma cantora popular de merito, está integrando o "cast" da Radio Nacional.

BARBAS de MOLHO

por Sebastião Fonseca

Ubirajara Nesdan, talentoso compositor que vem aumentando merecidamente o seu cartaz, obteve uma expressiva vitoria nos Estados Unidos, onde acaba de ser editada uma das suas interessantes composições.

XX

CINARA RIOS

Quando a formosa juba de platina
Ela agita, a cantar, brejeiramente,
Como que o "studio" todo se ilumina
Num incêndio de luz resplandecente.

Ha quem diga que o samba ela assassina
Pois que o canta de um modo... muito "quente"...
Mas o fato é que a voz dessa menina
Vive riscando fósforos na gente.

Tanto assim que o seu disco mais famoso
Vende-se muito, sim, mas como *"isqueiro"*,
Aqui, no Chile, em Cuba, em Nicarágua.

Pois si alguem quer um banho bem gostoso
Leva o disco e a vitrola p'ro banheiro,
E acende o gaz... num simples "jarro dágua"!...

(Ouça o programa *"Barbas de Molho"*, todas as quintas-feiras, das 21 e 15 em deante, pela *nossa* PRB-7, Radio Educadora do Brasil).

Juvenal de Oliveira, do conjunto regional da PRI-3, de Belo Horizonte, é um dos bons musicos que atuam no radio mineiro. Juvenal tem curso de Conservatorio e também integra, como primeiro flautista, a grande orquestra da Associação dos Professores de Musica de Minas Gerais.

(Poto de Olivéra)

Novidades em DISCOS por JURACY ARAUJO

A CUICA ESTA' RONCANDO...

* * *

"*Não quero mais*", samba de Celio Ferreira-Antunes Viana; forma o outro lado — "*Tim-Tim-Tim*" marcha de Josué de Barros-Dino Abreu. O samba é forte, com qualidades para vencer. E' uma gravação da *Odeon*, na feliz interpretação de Vitor Bacelar. Tudo indica que Vitor Bacelar, com esta sua primeira gravação, fará carreira na "musica de conserva".

* * *

"*Folha no Mancal*", samba de Gomes Filho; na outra face "*Diana*", marcha de Haroldo Lobo-Milton de Oliveira. E' uma gravação da *R. C. A. Victor*, na voz do seresteiro Patricio Teixeira, e fadada a sucesso.

* * *

"*Dança do Bolinbolinho*", marcha de Ubirajara Nesdan; do outro lado — "*Vamos, Comadre*", marcha de Pedro Caetano. Gravação *Columbia*, pela dupla Joel e Gaúcho. Disco francamente carnavalesco.

* * *

"*Alah-lô-ô*", marcha de Cassio-Haroldo Lobo; e "*Cuidado com essa mulher*", samba de Antonio Almeida-Araujpho Alves, formam um disco carnavalesco da *Victor*, gravado por Carlos Galhardo com orquestra. A marcha já conquistou a simpatia do publico-cantante, firmando-se entre os sucessos destinados a alegrar o reinado de Momo.

* * *

"*Sea Tonda*", samba de Gomes Filho-Alcides Luz; do outro lado, a marcha "*Farrú*", de Vicente Paiva-Sá Roris. Dircinha Batista apresenta ao seu grande público essas duas composições, com acompanhamentos de orquestra, dirigida por Simão Bountanan. Fóra de qualquer duvida, Dircinha se impôs nessas duas gravações da *Odeon*, prometendo dois autênticos sucessos.

* * *

"*Meu coração te chama*", samba de Cristovão de Alencar-Felisberto Martins, e "*Minha companheira é a Colombina*", marcha de Lamartine Babo-Moacir Araujo. Orlando Silva apresenta em disco *Victor*, com orquestra, essas duas composições, que de certo vão fazer carreira.

* * *

"*Ké-ké-ké-ré*", marcha de Arí Barroso-Alvaro S. Carvalho, formando a outra face desse disco *Victor* — "*Os Quindins de Yáyá*", samba de Arí Barroso. Na interpretação de Ciro Monteiro, com orquestra, a marcha, que é bastante interessante, com muito "molho", promete vencer. Quanto ao samba, não acreditamos que apareça no carnaval, por não ter nenhum ritmo carnavalesco. Entretanto, como samba-maxixe, é insuperavel, mostrando as qualidades do consagrado autor Arí Barroso. Devia ser gravado após o carnaval.

* * *

Até sabado, se Deus quizer...

A linda caipira Jacy-Lacy está agradando, cada vez mais. Seus fans são os apreciadores das impayaveis "modas" de viola...

SAMBURÁ radiophonico

COISAS de ARMANDO MIGUEIS

VARIEDADES...

Foi devido ao grande vicio,
de muito café beber,
que o nosso velho Patricio
começou a escurecer...

E tambem "seu" Pixinguinha,
á custa de tanto mate,
por não gostar de "caninha",
ficou assim chocolate...

Quanto ao Gadé,, podem crer,
Isto não foi inventado.
Porém de tanto "morder",
Ele acabou desdentado...

* * *

O nosso colego Djalma Maciel é, sem duvida, o amigo n. 1 do radio mineiro. Com aquela maneira toda especial de descobrir valores, o D. M. falava da capacidade da senhora Magda Ladeira, que tem elevado o "broadcasting" de Minas. Jurací Araujo, que atentamente o ouvia, não perdendo tempo, murmurou:

— Tambem, querias que uma "Ladeira" fôsse para baixo?...

* * *

E o Kid Pepe perguntou:

— Quem é esse Edgardo "Guerra"?

— E' um compositor que não "combate" os colegas..

Radio... grafias

De BRAGA FILHO

DE UM CARNAVAL DIFERENTE QUE PASSOU...

A comissão julgadora, reunida no palanque oficial, resolveu premiar as composições carnavalescas apresentadas, com as laureas merecidas. Foram excluidas varias melodias, que eram plagios patentes. Agora, vamos passar ás musicas distinguidas...

"Quanta gente na janela!..." Apreciando a chegada da "pequena notavel" (aqui p'ra nós, não acreditavamos no exito de Carmem, mas passámos a gostar, depois que surgiram os "picaretas"...) e assistindo ás exibições dos Mills Brothers, Tito Guizar e Schipa. Foi esta a marchinha vitoriosa da Mayrink Veiga...

"Vovô não gostava de Carnaval..." Nem gosta. Apesar disso, a PRF-4 continúa a ser um dos pontos altos da radiofonia indigena...

"A Dansa do Forrobodó..." E' um bailado bolorento, muito antigo, igualzinho á Radio Club do Brasil, com o famigerado "Soldado de São Marcial"... Felizmente, existe a promessa de novos studios, e daí...

"Ai, minha mãe, minha mãe!..." A Guanabara, querida das crianças, vai rogredindo: apresentou, com sucesso, o "Teatrinho Infantil"...

"Meu coração te chama..." "Estou pertinho do Cais do Porto, e adaptada para receber os cartazes semelhantes aos de Martha Eggerth e Pedro Vargas..." Assim falou o antigo "cacique do ar"...

"Briga de marido e mulher..." Encrencas arranjadas pelo "Teatro por Dentro", "furos" do "Short Cinematografico", e irradiação da orquestra de Toscanini, tudo isto e o céo também, foram os "hits" da Cruzeira do Sul, a "estação das homenagens" (Semana da Carmen, Semana de Luiz Edmundo, Dia de Luiz Barbosa, Noite de Noel Rosa, Meia-hora disso, dois minutos de silencio...)

"Melhorou muito!..." Orquestra de Gaitas (Idealização e comando de Xavier). Instantaneos Sonoros, Presentes de Noivado, Hora do Ensaio, Saint-Clair Lopes e Amaral Gurgel. Um programa bem "nacional"...

"Passo de Kangurú..." Bem devagar... nada de novo. Perdidos os esforços de Zolachio Diniz... A Transmissora é uma perfeição... no som...

(*Conclue na pag. 38*)

Olga Cabral da Costa, escritora de merito inconfundivel, com obras primorosas publicadas, trechos das quais têm sido irradiados com sucesso, acaba de publicar "Almas Escravas", atraente livro de tése momentosa.

A SEMANA RADIO-THEATRAL

por Gomes Filho

NO ultimo numero de FON-FON viram os leitores como chegou á sua fase final o *"Campeonato Anual de Radio Teatro"*. Na penultima semana de julgamento (de 19 a 25 de dezembro) colocaram-se brilhantemente *em 1.º logar*, com 10 pontos cada um, os cartazes da *Radio Mayrik Veiga*, da *Radio Nacional* e da *Radio Educadora do Brasil*.

Atendendo á importancia do julgamento da ultima semana (de 26 de dezembro a 1º de janeiro) resolvemos constituir uma Comissão que teria a tarefa de resolver o assunto com a maior justiça e independencia. Essa Comissão ficou assim organizada: 1 representante da PRA-9 (Carlos Medina); 1 representante da PRE-8 (Amaral Gurgel); 1 representante da PRB-7 (Pedro Bloch); 1 representante da PR 1 FON-FON (Berliet Junior) e o cronista desta pagina.

Depois de ouvir, de quinta-feira 26 á terça-feira 31 de dezembro ultimo, as peças: "ACONTECEU NA NOITE DE NATAL", original de Fausto Paranhos, na *Radio Mayrink Veiga;* ESQUINA DA VIDA", original de Saint-Clair Lopes, na *Radio Nacional;* "NOITE DE CRIME, MANHÃ DE CASTIGO", original de Hello do Soveral, na *Radio Tupi* e "A MORTE AMARELA", original de Anibal Costa, na *Radio Educadora do Brasil*, esteve reunida a referida comissão na redação de FON-FON, ás 17 horas e 30 minutos do dia 3 de janeiro corrente.

Cada membro expôs as razões do seu voto, que foi processado abertamente.

No final, verificou-se o seguinte resultado: 2 *votos*, para a Radio Mayrink Veiga; 2 *votos* para a Radio Educadora do Brasil e 1 *voto* para a Radio Nacional.

Ficou, assim, mais uma vez empatado o nosso *"Campeonato Anual de Radio-Teatro."*

A Comissão Julgadora resolveu então que a PRB-7 e a PRA-9, que estão, em igualdade de condições, disputando, agora o *primeiro logar*, se apresentem para *novo julgamento, com peças originais de escritores brasileiros e absolutamente ineditas*, respectivamente, nas noites de terça-feira, 14, e quinta-feira, 16 do corrente e nas horas habituais de seus programas de radio-teatro.

Na sexta-feira, dia 17, a referida Comissão se reunirá, outra vez, ás 17 horas, em nossa redação, para julgar em definitivo qual o vencedor do nosso *Campeonato* e consequente detentor do BRONZE ARTISTICO que FON-FON instituiu como *premio de honra*.

Apresentando uma competição formidavel, que bem mostra como progrediu a programação do radio-teatro no Brasil e como a nossa obra de critica e o nosso certamen alcançaram a sua verdadeira finalidade, os melhores cartazes das nossas emissoras vão oferecer na proxima semana uma corrida digna de admiração.

Vamos esperar mais uns dias para proclamar aqui, com inteira justiça, o verdadeiro *campeão*.

O *Radio Club do Brasil*, estação tão bem dirigida pelo espirito dinamico de Renato Murce, não se apresentou, infelizmente, na quarta-feira, dia 1º de janeiro, para o julgamento da ultima semana.

Aos diretores dos programas de radio-teatro das emissoras cariocas comunicamos aqui o seguinte: O *"Campeonato Anual de Radio-Teatro de FON-FON"*, em 1941, começará somente depois do carnaval, isto é, precisamente, na quinta-feira, 6 de março.

FON FON Feminino

DIREÇÃO DE HÉLÈNE

Desenhos de
J. LUIZ

1. Gracioso costume que pode ser feito para os casinos á noite, para o chá á tarde, ou para o passeio.

Para a noite: de seda vermelha com bolsos e lapelas de "paillettés". Saia formando "godete" na frente. Botões da mesma fazenda.

Para a tarde: de "hantung" ou seda fosca, azul-esverdeado, com bolsos e lapelas de grossa renda creme.

Para a tarde: de "shantung" ou com bolsos e lapelas de fustão branco inteiramente bordado e recortado.

* * *

Chapéu de fina palha ou fustão de dois tons com vistosas penas de côr contrastante.

3. Modelo esportivo, compreendendo saia de seda de cor escura e blusinha de malha listada.

4. Vestido á guiza de "deux-piéces" de linho do claro. Saia "godet". Pala da cintura de seda unicolorida. Cinto nos tons da estamparia. Botões masculinos.

4. Vestido á guiza de "deux-piéces" de linho ou seda de cor clara. Pequenas pregas dão largura ao corpo. Botões cobertos do mesmo tecido.

6. Para o veraneio no campo, gracioso modelo compreendendo saia com peitilho e suspensorios de linho verde-fórte. Blusinha de cambraia de linho branca com pastilhas vermelhas.

5. Modelo para a praia, de tecido listado de côr viva. Saia franzida tendo na frente um pano liso com as listas no sentido vertical. No mesmo sentido é feito o peitilho.

7. Para a beira-mar, vestido de linho ou seda de côr alegre, com a faixa deste mesmo tecido. Decote e a cava contornados por viez de tecido branco. Botões e estreita faixa deste mesmo tecido.

Vestido de linho ou sêda branca. Saia de pedaços enviezados. Pala recortada no corpo.

Roupinha de linho azul-carbono guarnecido com estreito cadarço branco.

Camisola de linho rosa-pallido. Botões fantasia.

Vestido de tecido quadriculado com a pala e a gola debruadas de branco. Cinto de pelica de cor viva.

confecções para crianças
Baby
R. OUVIDOR, 141
TEL. 42-7500

Saber respirar

O oxigenio — todo o mundo sabe — constitue o elemento por excelencia indispensavel á vida. Respirar é viver. No entanto, entre os sêres vivos, o que respira peor é o homem moderno, criador da vida sedentaria, das habitações minusculas, dos motores de explosão, e de muitos outros agentes de perturbação funcional da respiração.

Na montanha e no campo a respiração ordinaria, que se realiza inconscientemente, permite, geralmente, a oxigenização necessaria do sangue, que se realiza principalmente nos pulmões. Na cidade, essa oxigenização é sempre deficiente. O sangue, em tais condições, não se depura: arrasta principios toxicos e carece de valor nutritivo. D'ahi ser facil deduzir-se que todos os orgãos, musculos, etc., cujo normal funcionamente depende de uma boa irrigação sanguinea, sofrerão em semelhantes condições os disturbios disse consequentes. E' assim que uma afecção hepatica ou renal, embora não o pareça, pode ter por causa originaria uma respiração deficiente.

Na respiração ordinaria somente se renovam dez por cento do ar contido nos pulmões. Para que a saúde se mantenha essa renovação deve ser muito maior. Como consegui-lo? Por meio de uma auto-educação respiratoria, que tenha por objetivo instituir o habito da respiração profunda. A importancia desta auto-educação resalta ainda mais se se leva em conta que o oxigenio é o peor inimigo dos bacilos da tuberculose.

Toda pessoa deve procurar realizar diariamente cem respirações profundas, em séries de dez ou vinte, distribuidas durante o dia. A primeira deve ser feita pela manhã, no jardim, no terraço, ou, mesmo, deante de uma janela aberta. As séries sucessivas devem ser praticadas também em logares abertos, onde o ar seja o mais puro possivel. Esses exercicios de respiração profunda devem ser lentos, ritmicos, aspirando-se o ar pelo nariz e nunca pela boca. E' condição essencial a lentidão, além da penetração profunda do ar nos pulmões. A melhor proporção é a de três respirações por minuto.

Os exercicios de respiração profunda influem notadamente na circulação do sangue e na pressão sanguinea, reduzindo-a a seu indice normal, sobretudo se o seu aumento se deve a causas nervosas.

Os beneficios desses exercicios para pessoas que se entregam a trabalhos mentais estão contidos nestas palavras do filosofo alemão Kant, que os praticava: "Regozijo-me por ter ar fresco circulando no cerebro".

NÃO BASTA *embelezar* OS DENTES

É PRECISO TAMBÉM PROTEGÊ-LOS!

Seus dentes são lindos! Mas para que sejam sempre assim, proteja-os com o Creme Dental Gessy. Cientificamente preparado e contendo leite de magnésia, Gessy clareia os dentes sem desgastar o esmalte, desinfeta o meio bucal, neutraliza a ação dos resíduos alimentícios e evita o tártaro e a cárie. Defenda o futuro de seus dentes. Escove-os, após as refeições, com Gessy, o creme dental científico, que contém leite de magnésia.

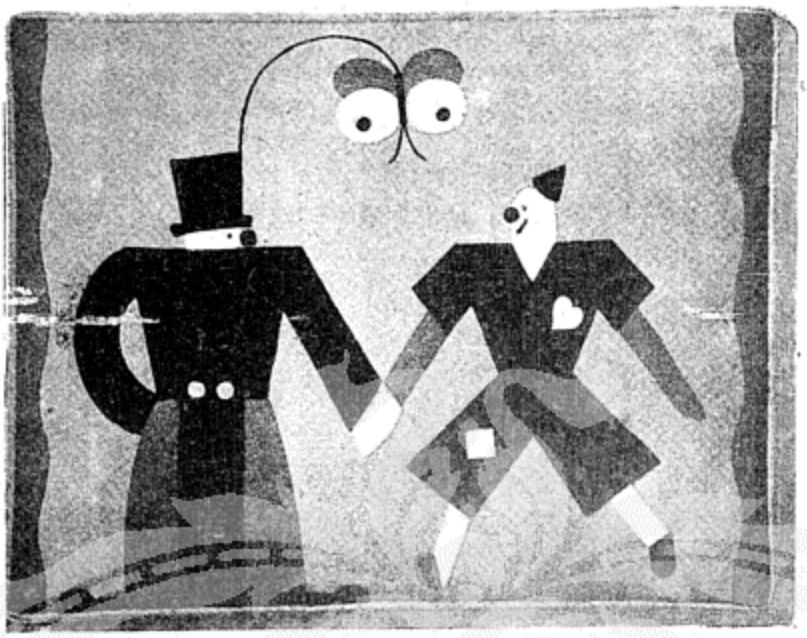
TUBO 2$500

Ouça os programas Gessy com Nhô Totico, todos os dias, de 2ª. a 6a. feira, ás 19:00 na Rádio Mayrink Veiga (Rio) e ás 18:30 e 22:15 na Rádio Cultura (S. Paulo).

CREME DENTAL

GESSY

CONTÉM LEITE DE MAGNÉSIA



O MELHOR

Todos os pequenitos se alegrarão ao contemplar as almofadas destinadas ás suas alcovas. Preferirão êsses os dois palhaços ou a vendedora de frutas? Os dois modelos são em feltro, o primeiro azul-forte e o segundo bege-rosado.

— No 1º. modelo, a vendedora, seus sapatos, a roda do carro e o abacaxi são de côr bege; o carrinho, o avental, as meias e os cabos das frutas, verdes; o vestido e algumas frutas, brancas; o peitilho do ves-

FUNÇÃO DO EXÉRCITO

AO Exército coube sempre, entre nós, em tôdas as horas, marcante atuação na solvencia das mais graves questões nacionais.

Integrada, dentro da coletividade nacional; sentindo, mais do que qualquer outra classe, suas necessidades e provando e participando de suas vicissitudes, com crença e fé na grandeza da Patria, a tropa bizarra de nossas guarnições, sempre trabalhando e sempre progredindo, ansiava por um Brasil novo e forte.

Getulio Vargas, reestruturando o Estado Brasileiro, satisfez plenamente a êsse ardente desejo do Exército, que não fazia senão espelhar as próprias aspirações de todo o Brasil.

O Exército Nacional sempre foi um padrão de orgulho de nossa terra. Não querendo limitar seu ambito de ação e de labor ás tarefas ingentes dos quartéis — onde o dia de trabalho começa o despontar do dia e entra pela noite a dentro — nossa garrida e brilhante oficialidade sempre procurou, máxime no interior do país, entre nossas populações rurais, elevar o nivel de brasilidade de nossa gente.

A obra de brasilidade feita e produzida em to-

BORDADO

tido e outras frutas, amarelas; as restantes frutas, de côr "brique".

—No segundo modelo um palhaço tem a casaca negra com abas beige-escuro; cartola e nariz vermelhos; botões, mãos e rosto brancos; o outro palhaço tem a vestimenta vermelha com aplicações brancas e negras; rosto e meias brancas e braços beige. As almofadas têm o forro do mesmo feltro de que é feito o tampo. No Suplemento nº. 2 anexo ao presente numero fornecemos os riscos em tamanho de execução.

dos os quadrantes e latitudes do territorio nacional, vale por um breviário e por um catecismo de civismo e de carinhoso amor á terra que nos viu nascer. Seja no Rio Grande, seja nas concentrações alienígenas de Santa Catarina; na guarnição de Ponta Porã, entestando com Pedro Juan Cabalero, no Paraguai; em Tabatinga, ou no centro do país, onde houver um núcleo de tropa, há uma Escola de brasilidade e intenso civismo.

Pois bem; e a essa grande obra de ressurreição nacional que o General Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, acaba de dar maior entusiasmo e vibração, ao dirigir-se aos srs. Interventores Federais, propondo-lhes a creação em suas circunscripções de várias Companhias Isoladas.

Serão outras tantas Escolas espalhadas pelo Brasil inteiro.

É a lição de fé, de patriotismo, de amor á Patria levada ao nosso caboclo, ao gaucho das campinas, ao nordestino das caatingas, ao acreano, ao paulista, ao mineiro, ao Brasil todo, enfim.

..."LABIOS cheios de encanto"...

...Uso Baton Colgate porque deixa os labios cheios de encanto.

...Assim dizem milhares de lindas moças brasileiras!

SIM! Labios femininos são lindos, por natureza!... Mas veja: quer fazel-os mais expressivos... cheios desse colorido natural e encantador da mocidade? Então... embelleze-os com Baton Colgate! O Baton Colgate é feito com *Karanuva*, o sensacional emolliente embellezador dos labios! Por isso é que o Baton Colgate faz os seus labios mais cheios de vida e de uma côr seductora, dando-lhes *aquella* belleza, maciez e irresistivel seducção, que os homens tanto apreciam...

...E complete a harmonia de seu rosto com Rouge Colgate.

BATON Na Rio e S. Paulo 3$500

BATON e ROUGE COLGATE

RADIO... GRAFIAS

(*Conclusão*)

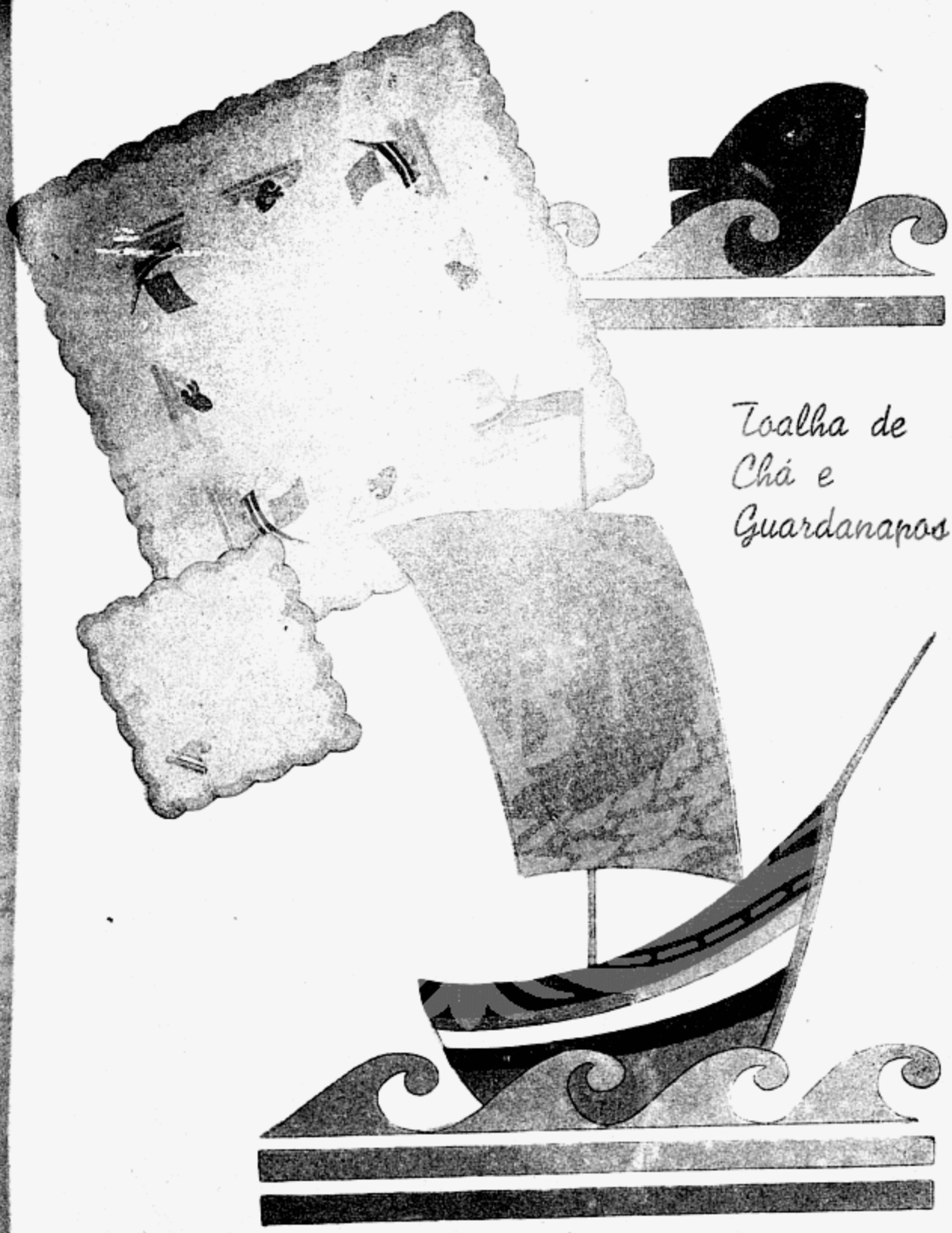
"Se eu tivesse um milhão!..." Mas ensino que se póde fazer "broadcasting" com inteligencia. Pedro Bloch: — Marilena versus Destino", "Um Milhão de Violinos", "Anhangá", etc. Aziro Zarur: — "Utilidades, Curiosidades, Tests e Reportagens B-7". Anibal Costa: — "A Morte Amarela", "Ele e o Outro". "Sebastião Fonseca — "Barbas de Molho". Gomes Filho, Antonio Leite, Diva Paulo e outras coisas. Vem mais, e sempre melhor... Radio Educadora do Brasil.

"Onde o céu azul é mais azul..." Radio Ipanema. Ensaiando para a televisão, a estação de Xavier Filho organizou o Concurso das Sereias. Mas, falando sério, foi bonita a irradiação de "Navio Negreiro", elaborada pelo Sergio Frazão.

"Patrão, o trem atrasou!..." Houve muitas descomposturas, irradiadas pela "voz do céu" (!!!!!) O trem da radiofonia carioca não atrasou, mas o vagon da Vera Cruz chega tardigradamente, porque é o... último.

UMA HOMENAGEM AO CORONEL JONAS CORREIA

O coronel dr. Jonas Correia, diretor do Departamento de Educação Primária da Prefeitura do Distrito Federal, foi homenageado pelos chefes de Distritos Educacionais, que lhe ofereceram, no restaurante do Pax Hotel, um jantar de cordialidade e despedida, por motivo de encerramento do ano letivo. Falou, em nome dos colegas, o dr. Domingos Magarinos, que pôs em relevo as qualidades de administrador, de educador e de amigo do coronel Jonas Carreia, cuja palavra se ergueu, também, na reunião de amizade, para agradecer a expressiva homenagem daquele seleto grupo de companheiros da sua ingente tarefa educacional. A gravura focaliza o coronel Jonas Correia ladeado por sua exma. esposa, a ilustre poetisa sra. Valmirina Correia, e pela professora d. Cleta Mendonça, chefe do gabinete do diretor do Departamento de Educação Primária, que também tomaram parte no ágape, e com os homenageantes, todas figuras destacadas do magistério municipal.



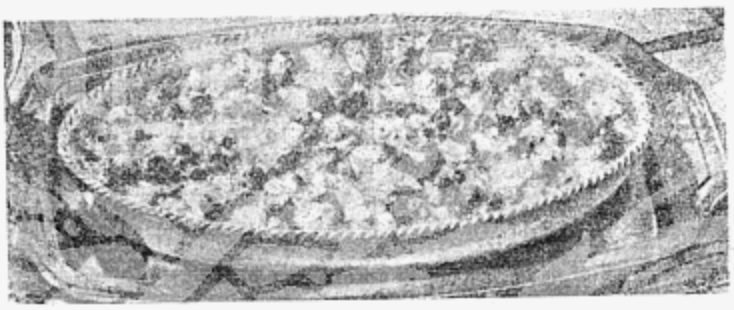
Toalha de Chá e Guardanapos

Encantadora toalha para chá e guardanapos, de fino linho azul-claro, com aplicações de linho de côr presas a ponto Paris. Os peixes são de tom "brique" com olhos verdes; o barco "brique", azul-fórte e branco com a vela amarela. Contorna a toalha e os guardanapos uma barra com recortes, feita em linho azul-medio. Deste mesmo linho são feitas as ondas.

Culinaria de bom Gosto

SOPA DE CENOURAS: Faz-se um bom caldo deixando ferver em 2 litros dagua, durante duas horas, 1|2 kilo de peito, um osso com tutano, 1 cebôla e sal a gosto. A seguir, côa-se o caldo, tira-se a gordura e juntam-se-lhe 5 cenouras grandes, levando-o novamente ao fogo para cozinha-las. Estando cozidas as cenouras, com aparelho apropriado cortam-se delas, algumas bolinhas e o restante passa-se no passador. Junta-se então 1 colher de manteiga, 1|2 chicara de leite, as bolinhas de cenoura e salsa, servindo-se a sopa bem quente.

SIRIS RECHEADOS: Cozinhe 18 siris, retirelhes toda a carne e escolha 10 cascos, dos melhores, os quais, depois de bem lavados, serão postos a secar. Triture a carne a mão ou a maquina e refogue-a muito bem com cebola, tomate, ovos picados e azeitonas descaroçadas. Recheie com esta pasta os cascos dos siris, cobrindo-a com farinha de rosca e leve ao forno para dourar.



"MAYONAISE" DE LAGOSTA: Tome uma lagosta grande e fresca, e depois de bem limpa coloque-a num molho feito á parte com agua, sal, cebola, tomate e cheiro, levando-a ao fogo para cozinhar durante 30 minutos. Pique a lagosta e misture com 2 xuxús, 3 cenouras, algumas batatas, tudo cozido em agua e sal e cortado em pedaços pequenos. Adicione uma porção de molho de "mayonaise", misture bem e cubra tudo com o restante do molho, enfeitando-a com tomates, ovos cozidos e azeitonas.

Para fazer o molho de "mayonaise", desmanche bem 3 gemas cruas, junte 1 colherinha de sal, bata até engrossar e, sempre batendo, vá juntando, primeiramente ás gotas, depois deixando correr em fio, um bom azeite. De vez em quando junte algumas gotas de limão ou vinagre, não devendo o total delas exceder a 1 colher de sopa. Depois de pronto, junte 2 colheres de leite, 1 pitada de mostarda, e 1 colher de molho inglez.

CARNE RECHEADA: Tome 1 peso de 2 kilos de carne, apare e córte ao meio; ao comprido, sem destacar para que fique como um pano. Passe na maquina um pouco de carne crúa, junte-lhe 1 fatia de presunto, picadinho, 2 ovos duros em rodelas e 1 fatia de pão embebida em caldo. Ligue tudo, arrume no centro da carne e coza de alto a baixo; deve ficar bem justo. Leve a assar como carne de panela. Pronta, córte em rodelas, com faca bem afiada, e arrume na molheira.

"CROQUETTES" DE BATATAS: Cozinhe 1|2 kilo de batatas descascadas, encorra e passe pelo espremedor. Tempere com sal e junte 1 gema. Deixe passar 1|2 hora. Faça os "croquettes" em forma de rolhas, passe em pó de rosca, depois em ovos batidos, novamente em pó de pão torrado e frite em gordura quente.

Tenha cuidado para que não furem e se embebam de gordura. Arrume sobre papel pardo para secarem.

SALADA DE REPOLHO: Escolha 1 repolho bem tenro, retire os talos e parta-o fino. Coloque-o em agua fervendo, levando ao fogo por 10 minutos.

Tempere ainda quente, com 2 colheres de azeite, 2 de vinagre, 1 pitada de pimenta do reino e outra de sal, umas 6 horas antes de servir. Enfeite com ovos cozidos partidos em rodelas finas.

PUDIM MOSCOVITA: Misture 150 grs. de manteiga com 150 grs. de amendoas socadas. Bata 4 gemas com 150 grs. de assucar, junte 4 claras em neve e despeje por cima, sempre batendo, 1|2 litro de leite a ferver; junte as amendoas e leve a vasilha ao fogo, dentro de uma panela com agua fervente, para engrossar um pouco. Despeje numa forma untada de geléa e forrada com biscoitos palitos e deixe repousar em logar fresco ou na geladeira. Desenforme na hora de servir.

PUDIM DE QUEIJO: 6 gemas, 300 grs. de assucar, 1 colher de manteira, 3 colheres de queijo ralado, 3 colheres de farinha e 2 chicaras de leite. Misture tudo muito bem e leve ao forno em forma untada.

SUZANA

— POIS é isto, minha senhora — repetiu o homem, num grave tom de amargura. A minha desgraça foi essa mulher fatal. Apaixonei-me por ela e, sem refletir, me fiz seu espôso, em menos de um ano.

D. Zuzú, a proprietaria do pequeno café suburbano, onde André Alonso se abancara, naquela noite chuvosa, serviu-lhe um novo copo de vermouth. Puxou uma cadeira, e sentou-se perto dele, afim de ouvir melhor a narrativa que êle havia começado.

Oito horas da noite. Chovia a cantaros, poucos freqüeses. Dois operarios e um funccionario da Central do Brasil eram as unicas pessoas que se encontravam no estabelecimento.

André Alonso bebeu novamente como fazem de ordinario os narradores incansaveis. E repisou, lentamente:

— Em menos de um ano, fiz a minha desgraça... dona... dona... Como é, mesmo, o nome da senhora?

— Zuzú...

— Pois é, D. Zuzú... Uma semana após o nosso malfadado casamento, Suzana demonstrou logo a má criatura que era. No primeiro desentendimento havido entre nós, ela me declarou abertamente: "Só me casei para ter o nome de casada, sabes? De resto, eu precisava de um amparo. Supunha que estivesse em ótima situação financeira. Enganei-me. Fui ludibriada. Agora, se quiseres ir — a porta da rua é larga". Eu me revoltava, insultava-a. A's vezes, saía de casa, andava a esmo.... Lá pela madrugada, como gostava dela, retornava a casa. E sabe como me recebia? Com outras humilhações sádenticas...

A dona do botequim foi atender a um novo freguês, que entrara. Alonso bebeu novo trago.

Quando a senhora voltou a ouvi-lo, — agora, por sua vez, já um tanto intrigada — como se conhecesse o começo daquele drama — êle reencetou a palestra.

— Não raro, ela me provocava de uma maneira que nenhum homem de brio suportaria impassivel.

D. Zuzú interveio:

— Tem certeza de que o senhor não contribuiu de algum modo para esse desentendimento?

— Creio que não. Pois se eu era um verdadeiro escravo de Suzana!... Nada lhe faltava. Negociante, minha situação era próspera. Morávamos numa casa de aparencia e não nos faltava conforto. Tudo que um marido dedicado póde fazer por sua esposa, eu não lhe regateava.

André Alonso fez uma pequena pausa.

— O caso, porém, se agravou quando minha mãe veio de Minas, residir em nossa companhia.

Ela viu nisso um desejo meu de humilhá-la, como uma espiã dos seus atos. Minha mãe era maltratada por ela. Se eu reclamava, minha mulher fazia escandalo. Por fim, chegou mesmo a declarar certa vez que não me daria mais satisfações sobre a sua vida.

D. Zuzú ouvia atentamente a narrativa do homem. Por vezes, traía a sua impaciencia. André notou esse nervosismo.

— A senhora pensa que exagero? Julga que falseio a verdade?

— Não é isso... E' que a sua historia é verdadeiramente dramatica. E o fim? Como acabou tudo isso? Houve a separação, certamente...

— Escute... Uma noite, depois de uma discussão acalorada, ela pôs o chapéu, retocou a pintura do rosto e disse num tom de mofa: "Sabes de uma cousa? Tu estás ficando um velho rabujento... Não te posso aturar mais... Vou procurar um ambiente onde me sinta feliz com outro homem". Ora, D. Zuzú, eu amava Suzana. Até alí, havia suportado tudo aquillo que a dignidade de outro homem repeliria com uma bala. Mas, ao ouvir aquelas palavras cortantes, dentro de mim houve uma revolta insopitavel. Entrei no quarto, apanhei o revolver, e esperei. Ela passou por mim e sorriu. Sorriu com um ar de desdem que, ainda agora, me póe calafrios na espinha. Gritei: "Tu não sairás! Não admito essa afronta!" Ela retrucou: "Tu não tens nada com a minha vida! Faço aquillo que entendo!" A essa altura minha mãe aparece á porta da sala. Precisamente ao lado de Suzana. E foi aí que ocorreu o inevitavel. Dei o primeiro tiro, que errou o alvo. O segundo alcançou minha pobre mãe, no coração.

D. Zuzú tinha agora a fisionomia transtornada.

André Alonso suspirou:

— O resto, é facil de prever... Amarguei quatro anos na cadeia. A mulher desapareceu. Nunca mais soube dela. E creio que a não reconheceria mais. Ha 20 anos que tudo isso se passou. Trabalho hoje na agricultura e vivo dos rendimentos deuma pequena propriedade que possúo em Santa Cruz...

— Móra sozinho?

— Não. Tenho uma companheira ideal. Somos bastante felizes.

Meteu a mão no bolso para pagar a despesa.

— Não precisa pagar! — disse a mulher, comovida.

E como o homem se manifestasse surpreso, a dona do botequim lhe murmurou ao ouvido, já á saída:

— Sou eu a Suzana do seu drama...

MARIA DA GLORIA GOMES

Dôres Rheumaticas

É V.S. um dos muitos rheumaticos, condemnados a soffrer cada vez que se produz uma variação no tempo?

Muitas vezes os excessos, a alimentação deficiente, os abusos a que submettemos o nosso organismo, favorecem os ataques do rheumatismo. Nosso corpo é invadido por impurezas e substancias toxicas, cuja presença se manifesta a miudo por dôres nas juntas.

As dôres rheumaticas devem ser combatidas internamente por meio de um medicamento, capaz de facilitar a eliminação das impurezas toxicas e dos crystaes de acido urico.

As Pilulas De Witt devem ser experimentadas nesses casos. Sua acção directa sobre os rins facilita uma melhor eliminação das referidas impurezas.

As Pilulas De Witt são sobejamente conhecidas em todo o mundo. Merecem toda a sua confiança, pois não contêm drogas nocivas quepossam prejudicar o organismo.

Pilulas DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Indicadas para Rheumatismo, Sciatica, Dôres na Cintura, Disturbios Renaes, Molestias da Bexiga e, em geral, para as enfermidades produzidas por excesso de acido urico.

A MULHER DE MUITAS CARAS

(*Conclusão*)

— De muitas caras? — surpreendeu-se o advogado. — Que quer dizer o senhor? Que não é franca, que não procede de acôrdo com as normas da moral?

— Não! Não quero dizer isso! Não falo figuradamente! Quero dizer o que digo, e nada mais: que ela é uma mulher de muitas caras, e que cada vez parece diferente! Ela, para mim, tem uma série de caras penduradas no guarda-roupa, como tem uma série de chapéus ou de vestidos, e escolhe, sempre, quando me aparece, uma diferente... Eis tudo.

O advogado olhou-o sério, ergueu-se da cadeira, apanhou o chapéu e saíu caminhando para trás, sem afastar a vista do rosto congestionado e descomposto de Luiz. Ao fechar a porta, o advogado de Helena pensou: *"Minha cliente tem razão! Este homem está louco varrido! Mandá-lo-emos para o manicômio!"*

E, durante o processo de divórcio, como Luiz se obstinasse em sustentar que a *mulher tinha muitas caras*, foi, efetivamente, mandado para o manicômio...

Dame française **enseigne son *idiome avec methode facile et rapide* - Tel. 26-3995 *Prix moderés***

SUICÍDIO E RESURREIÇÃO

Contos de José Francos

MENDIVAR ouviu os passos do contínuo e levantou a cabeça.

— Que ha?

O contínuo entregou-lhe um cartão que trazia na mão

— Este senhor. E' o mesmo das outras noites; mas hoje diz que é urgentissimo... Está muito pálido... Diz que é a ultima vez que incomoda o senhor diretor.

Mendivar leu o cartão entre duas blasfemias.

— Julio Heredia!...

Em seguida o atirou desdenhosamente para o lado.

O contínuo esperava.

— Que lhe digo?... Tomo a liberdade de fazer notar ao senhor que deve tratar-se de um caso desesperado. Êle tem um olhar estrauho!

Mendivar puzéra-se a escrever. Houve um silencio. Até alí chegava o ruido monótono do salão das maquinas. Eram as últimas horas da madrugada, e começavam a ser impressos os primeiros milhares d'"A Noticia".

— Bem; dize-lhe que entre.

Falou sem levantar a cabeça, mordendo o charuto que tinha entre os dentes, franzindo o sobrecenho com um gesto de furiosa impaciencia.

Entrou Heredia. Era um homem alto e pálido, que aparentava uns trinta anos. Um desespero de todas as fomes lhe fazia brilharem as pupilas e lhe tinha torcido a bôca.

Mendivar nem siquer levantou a vista.

— Um momento, querido. Sente-se. E' cousa urgente e...

Continuou escrevendo, absorvendo-se com demasiada atenção para não ser fingido.

Pelo alto dos tabiques, cortados a pouca distancia do této geral, chegava o barulho da sala de redação. Morna opacidade punha um halo azulino em torno das lampadas elétricas. Ao longo das paredes corriam os tubos cinzentos dos caloriferos.

Do pateo de maquinas subia o rumor surdo e febril das rotativas.

Heredia pensou no frio das ruas silenciosas e como que mortas, sob o nevoento amanhecer de fevereiro.

— A's suas ordens!... Pode falar...

E o diretor d'"A Noticia" deixou a pena e procurou acomodar-se melhor na cadeira. Através dos vidros dos oculos lhe brilharam impertinentes as pupilas.

Heredia levou a mão ao bolso interior do paletó.

— Outro artigo?!... Já lhe disse que é impossivel. Não póde imaginar como estamos de originais. Nem siquer podemos publicar as colaborações fixas. Um horror! Eu quisera vê-lo em meu logar.

Heredia havia tirado do bolso umas laudas e as desdobrou tranquilamente, sorrindo. Na lividez do rosto, os labios se atiravam contra os dentes, despindo-os em um atavico gesto de féra.

— Perdôe, senhor Mendivar. Hoje não mais lhe trago um artigo; é o último, sabe?, o último que escrevi. Amanhã a estas horas terá um valor sentimental apreciavel. Veja...

Mostrava-lhe o titulo. Em letras amplas e energicas, escritas com um traço tão firme que havia furado o papel, Mendivar leu: "Meu suicídio".

— Bem. Isto há de ser uma pilheria, uma "pose" romantica... O senhor não se vae matar...

Heredia continuava sorrindo. Os olhos tinham uma fixidez extática.

— Não o creia. Amanhã a estas horas já não existirei. Por isso lhe ofereço meu último artigo. Mais ainda: eu, que outras vezes lhe pedí até quantias insignificantes, quasi ridiculas, hoje me sinto generoso e lhe ofereço o meu artigo. Não quero nada por êle. Não preciso de nada.

Havia tal resolução em suas palavras, claras e bem moduladas, que Mendivar sentiu um calafrio.

— Mas isso é uma loucura. O senhor não deve estar tão desesperado. Dentro de um ano, será dos que já se hajam imposto... E' questão de paciencia. Todos nós lutamos...

Heredia levantou-se.

— E' inútil, senhor Mendivar. Estou resolvido. A vida é muito estupida para que a gente se conforme em sofrer tanto para conservá-la. Quanto á gloria, o senhor deve saber que alguem a chamou o "sol dos mortos"... Eu tenho fome, tenho odio, tenho inveja... Já vê: falo-lhe como a um confessor. O senhor está ouvindo minhas últimas palavras e eu não me envergonho de mostrar-lhe quantas miserias há em minha alma. Muitas vezes a vontade se me dobrou; mas hoje se quebrou, e já não há remedio...

— Ora! não seja tão infantil! Conheço esses estados de abatimento, de angustia. Sentí-os muitas vezes. O senhor tambem. Depois tudo passa. A vida volta a sorrir e... que diabo!, de quanto precisa?

Heredia moveu a cabeça.

— Muito obrigado, senhor Mendivar, muito obrigado. Não preciso de nada. Nada me faz falta. O revolver, ontem mesmo, o retirei da casa de penhores, e era essa a última despesa que eu tinha a fazer. Mas, estou a roubar-lhe o precioso tempo. Aquí tem o artigo... Amanhã, todos os jornaes darão o meu retrato e algumas linhas acerca do "pobre Heredia, autor de tais novelas e quais artigos criticos". Unicamente "A Noticia" poderá explicar a razão de minha morte.

Mendivar estava emocionado.

— Não. Eu não o deixo partir assim. O senhor deve refletir. Havemos de arranjar sua situação. Eu falarei ao Conselho de Acionistas... Quem sabe?... Por enquanto, eu lhe darei algumas cousa: cincoenta, cem mil reis...

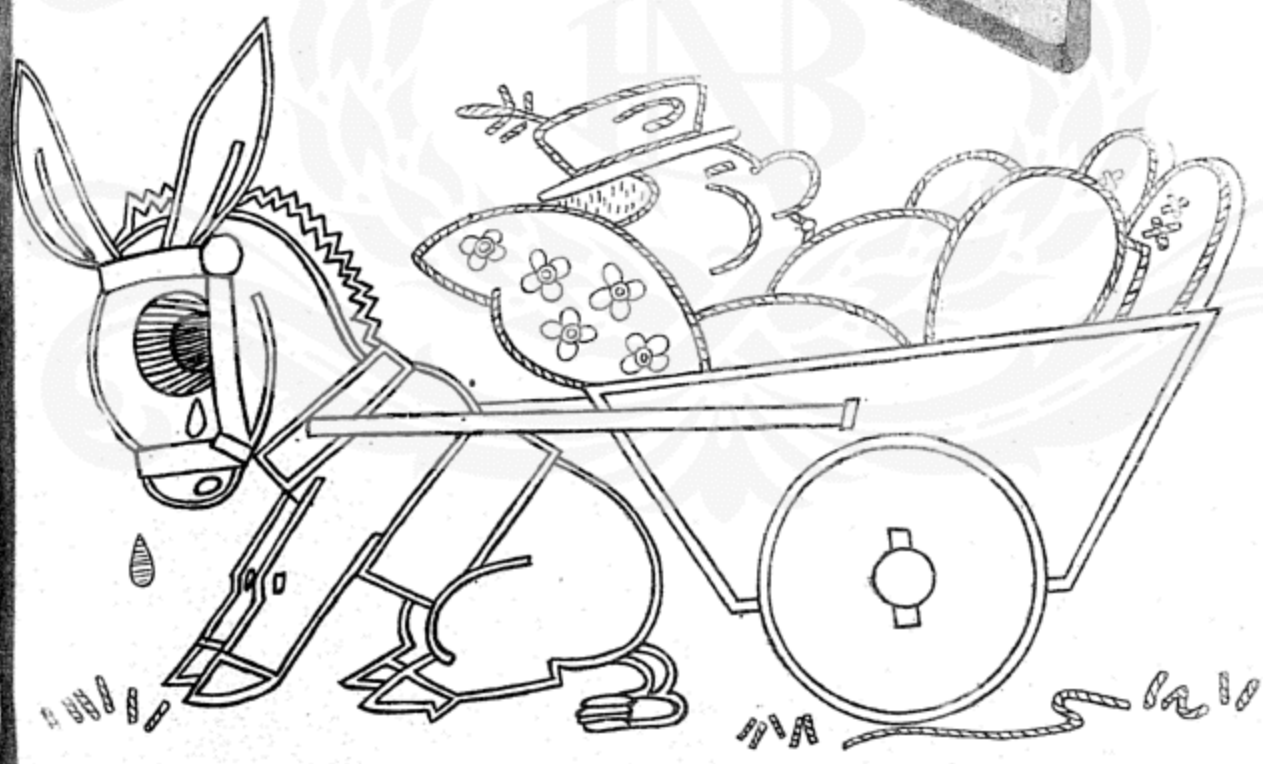
Heredia recusava com a cabeça, sempre sorrindo.

— Mas o senhor não compreende que não posso deixar que se mate?... E sua mulher?... E seu filho?...

— Estou tranquilo, quanto a isso. Vai ver como se organizam subscrições... Em um mês reunirão mais do que o que eu lhes poderia dar em um ano. Os colegas só são generosos, só sentem o coleguismo quando já estão certos de que não se lhes póde fazer sombras.

(Conclúe na pag. 66)

Almofada para o "Baby"



Esta bonita almofada para o quarto do "baby" é de feltro amarelo-claro, com aplicações de feltro de côres alegres, presas a ponto de festão ou "cordonnet". O carrinho e os arreios são feitos em feltro vermelho; o burrico, a roda do carro e os sapatos do camponez de feltro marron; o travesseiro, o chapéu e as calças de feltro verde.

Contorna a almofada um grosso cordão forrado com feltro vermelho.

SAIBAM TODOS

O fratricidio que Caim cometeu, — estígma da inveja malígna, feroz — é menos trágico do que certas modalidades dêsse sentimento inferior.

Há outras manifestações de inveja mais terriveis. Refletem, muitas delas, o evoluir dos tempos, o sinête da civilização em que vivemos.

Os Cains de hoje são verdadeiramente diabólicos.

O da Biblia, atraindo o seu irmão indefeso, para a liberdade do campo, afim de eliminá-lo, é menos soez, por exemplo, do que o individuo que escreve cartas anônimas, ou recorre ao telefone, mordido pela inveja.

Não creio que se possa dar outro nome aos sentimentos de um individuo dessa espécie.

Tanto é assim que ninguém se preocupa com pessôas sem mérito. O mais que se pode dizer delas é que são «uns pobres diabos».

Nos vários setores da atividade humana — seja numa repartição pública, num escritório, numa redação, numa academia ou numa fábrica — os mais visados pela inveja infamante, mesquinha são, exatamente os que sobressaem pelo seu valor pessoal.

Já se tornou frase feita, corrente, o profundo paradoxo de Wilde: «Que se fale de vós é horrivel. Há, no entanto, coisa muito pior: é que não se fale nada.»

Sim. Para um artista, para um intelectual, para alguém que necessite de réclame — aquêle belo conceito se explica. Mas, para quem deseja realizar, tranquilamente, a sua obra — á maneira de um pesquizador, no seu laboratório, ou de um anacoreta, no seu ermo — essa fórma de publicidade forçada é extremamente odiosa, embora diminúa Caim...

YVES

OS MELHORES VERSOS DA SEMANA

JANEIRO

DE FRANCISCO PEREIRA PINTO

Uma esperança nova, um ano que começa
Desde que o Mundo é Mundo e marcha sem parar,
Na curva de um sorriso, á guisa de promessa,
De tudo resolver, de tudo melhorar.

E tal convicção, se alastra com tal pressa,
Que a certeza da sorte invade a todo o lar,
Esquecido, talvez, da dor que não confessa,
Na ansia de viver, no mêdo de pensar.

Mas, cessado o contágio, o beijo de alegria,
O homem cai em si — e atordoado sente
Que a vida é sempre igual á do primeiro dia,

— Onde há chuva, onde há sol, e onde há noite tam-
Por onde passa o Tempo, alheio, indiferente, [bém, —
A tudo quanto vai, a tudo quanto vem...

PARAENSE (Paraná) — Dou aquí a sua carta:

"Caro Yves. Saudação. escrevi-lhe, certa vez, mandando-lhe um conto, que foi publicado no "Fon-Fon".

Hoje lhe envio um trabalhinho mais ou menos curioso e que espero venha a ser publicado na sua revista, porque toco de leve em assuntos que merecem difusão. Quanto ao mérito literário, isso é lá consigo. Se você pensar como eu, aposto que os leitores do "Fon-Fon" vão gostar...

Em caso de querer corresponder-se comigo, seu pronto servidor, tome nota do endereço. Agradecido, aquí fica o amigo *Nota* — Para a seção "Saibam Todos", pode usar o pseudónimo — *Paranaense.*"

Meu caro. Devo dizer que o seu trabalho não está mau. De fato, nele se focaliza um ambiente novo, pouco conhecido aqui na metropole e, certamente, no norte do país.

Quer dizer, interessa.

O diabo é o seu estílo. Estílo dito moderno, retalhado, sem razão de ser, separando orações condenadas, os adjuntos circunstanciais, numa liberdade de sintaxe irregular verdadeiramente caótica.

E' difícil escrever com simplicidade e correção. Aquela simplicidade encantadora que Voltaire tanto elogiava em Mme. Sévigné.

Ninguem é mais simples do que Anatale France. Mas tambem não é facil superá-lo em profundeza e graça.

Infelizmente essa naturalidade não se consegue pelo seu processo: mutilando o que escreve e transformando a próprio estílo, num estílo de escritor gago.

Sim, o sr. dá a impressão de que é gago — o que escreve como fala...

Enfim, vou ver se posso aproveitar o seu ensaio.

EMILIO (?) — De outra vez, queira dizer de onde me escreve. Isto é, o Estado.

Por agora, vamos á sua carta:

"Sr. Yves. Rio. Meus cumprimentos atenciosos. Confirmo minha carta endereçada ultimamente.

Posto que de todo conciente das dificuldades de que, a cada passo, sôem acercar-se os que se dedicam á arte melindrosa, extremamente difícil, de poetas, não obstante, espero merecer sua autorizada crítica a respeito dos versos já enviados ao "Fon-Fon", dirigindo-me palavra de ensinamento, de estímulo, como costuma fazer já com outros.

Mando, hoje, mais o poêma "Minha Deusa", e o sonetinho "Arvore Morta".

Coupon E' sempre com muito dó que recorto o que bem numa página, em cujo verso está ás vezes um outro escrito apreciavel — e aí passa a tezoura! — Surgeria, então, que êsse *coupon* se estampasse em local, onde, frente o verso, se vissem publicações ou-

(*Conclúe na pagina* 66)

"SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon. Ella se propõe a auxiliar os que necessitem de uma informação preciosa. E' um guia do leitor, especie de "vademecum", destinado a consultas rapidas e uteis.

Endereço — Rua da Assembléa n.º 62 — Caixa Postal 97 Telephone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondencia referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redacção, acompanhado do coupon da pagina ao lado.

COUPON

Nome do consulente.....

.....

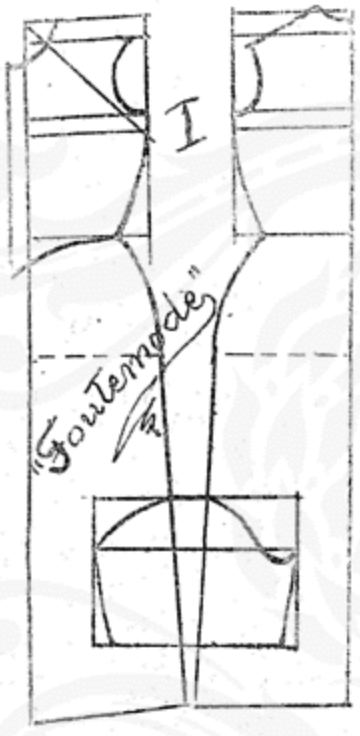
Data da consulta.....

11-1-1941

A nossa capa

ILUSTRANDO nossa capa vemos a artista Peggy Moran com um gracioso modelo de saia godê em côr lisa, barrado e colete em xadrez.

Executado em linho, proporcionará ás leitoras de FON - FON uma excelente indumentaria para este verão.



Figurinos com Moldes

QUAL E' O SEU MANEQUIM ?

"FON-FON" SE PROPÕE A ENVIAR-LHE O SEU MOLDE INDIVIDUAL!

INSTRUÇÕES:

Só remetemos moldes dos figurinos publicados na Seção de Modas de FON-FON, e na sua capa.

A pessôa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acôrdo com as explicações abaixo.

Citar com precisão a data da publicação do numero de FON-FON em que está o figurino e o numero do mesmo colocado no pé do figurino. Juntar a importancia de três mil reis (3$000) em dinheiro ou em selos de 200 reis, para entrega á domicilio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — Rua da Assembléa, 62 - 1.º, o preço será de dois mil e quinhentos reis (2$500).

REMETEMOS MOLDES PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL

O preço será único para todo o Brasil e para todos os modelos publicados em FON - FON.

A secção de modas de FON - FON é permanente.

Toda capa de FON-FON é um modelo exclusivo de artistas de Hollywood.

COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDDAS:

COMPRIMENTOS: (fig. 1) — colocar a ponta da fita metrica (centimetros) no ombro, ponto (a), seguir para o decóte, ponto (b), firmando ahi a fita e deixando-a caída; depois, marque as alturas da cintura (c), do quadril (d) e da barra (e), no comprimento que desejar. A seguir, medir as

CIRCUNFERENCIAS: do busto, ponto (n), da cintura, ponto (m), e dos quadris, ponto (c). Depois, tomar as

MEDIDAS: do ombro, entre os pontos (a) e (f), e do ponto (f) aos pontos (g), conforme o comprimento da manga. Nesse comprimento medir a grossura do braço e do punho (i). A largura das costas (fig. II), é tirada entre os pontos (h, h).

Toda correspondencia deverá ser dirigida para o seguinte endereço:

"MOLDES FON-FON"

RUA DA ASSEMBLÉA, 62 - 1.º ANDAR

Rio de Janeiro — Capital

.....

COUPON

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino numero ..... publicado no FON - FON de ..... de acôrdo com as seguintes medidas:

MEDIDAS:

Comprimentos: do decóte ..... da cintura .....
do quadril ..... da barra .....
Circunferencias: do busto ..... da cintura .....
dos quadris .....
Medidas: do ombro ..... da manga ..... do punho ..... das costas .....

Junto a importancia de ..... (em selos de 200 réis do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME .....

RUA ..... N.º .....

CIDADE .....

ESTADO .....

CADA COUPON SO' DA' DIREITO A UM MOLDE

SAIBAM TODOS...

(*Conclusão*)

tras, como anúncios ou gravuras. Não acha? Do ami. leitor e admirador, — *Emilio*"

Passemos ao indefectivel soneto. La vem o "bicho"...

ARVORE MOTRA

Era a ramagem olorante e béla
Que dava sombra cheia de frescura
Ao peregrino viandante. E ela,
A arvorre, hoje, é morta e tem verdura!

Era nas tardes mornas, que, á janela —
Oh! se me lembro, Amôr! — bem pouco dura
O bem! — ouviamos nós as querélas
Ternas d'aves embando... — Oh! que doçura!

Morre tudo, afinal! Tudo acabado!
Trévas, e nada mais! Só me é dado
Viver trazendo os ólhos rasos dágua...

Arvore morta é hoje, e nada resta: —
Canto d'aves em côro, aroma, festa —
A minha amada é morta! — Infinda mágua!...

Essa é bôa! O sr. me fez lembrar a historia do cidadão pacato, cachimbeiro, sizudo e prudente.

Estava ele fumando o seu cachimbo, quando, de repente, percebeu uma briga.

— Vou já me meter no meio.

— Não vá, marido. Fique pr'a aí, no seu canto. Deixe de enfiar o nariz onde não foi chamado...

— Não te metas, mulher! Vou desapartar a briga...

Foi, meteu-se na luta, e saiu todo arrebentado. A mulher, radiante, pôl-o sob o regime das compressas.

Assim, o senhor.

Ninquem o mandou escrever versos de "pés quebrados". Devia ter continuado a sua vida socegada do interior, á frente do seu armarinho ou da sua botica.

Daqui, por deante, não terá mais socego — dominado pela mania de escrever bobagens poeticas...

Sabe o sr. que é muito mais pratico vender fitas ou pomadas, do que servir de palhaço aos olhos dos que não perdoam tolices literarias?

BARBOSA (S. Paulo) — E' desvanecido que lhe agradeço e retribúo os votos de feliz Natal que me envia.

Desejo tambem que seja feliz em 1941.

RUTH (Capital) — Não deixa de ser curiosa a nota que v. ex. apõe á sua carta de — "inconstante leitora". E, pelo menos, sincera, se não fôr humoristica.

A tendencia é para que todos sejam "leitores constantes"... Mas, v. ex. quer ser "inconstante"... Não é logico, mas é verdade... Tanto melhor!

Daí a razão pôr que lhe quero desejar as mesmas felicidades que me deseja em 1941. As bôas lembranças vêm sempre quando as não esperamos, e partem sempre daqueles que nos são mais "inconstantes"...

É a vida!

KATIA (S. Paulo) — Sou extremamente sensivel á amabilidade captivante do seu postal, onde formula votos de felicidades á minha pessôa, no proximo Anno Bom.

Agradeço essa lembrança gentil, desejando que seja igualmente feliz em 1941.

Yves

SUICIDIO OU RESSURREIÇÃO

(*Conclusão*)

— No entanto, Heredia, eu...

— E' inútil, senhor Mendivar. Se não fosse amanhã, seria dentro de trez dias, de um mês, mas afinal seria... Creia-me... Quando se está resolvido a morrer, não há nada nem ninguém que o impeça. Adeus, senhor diretor. Muito obrigado.

* * *

FOI uma estranha e mysteriosa morte. O suicída soube ocultar-se de tal modo, para morrer, que foi impossivel encontrar o cadaver. Deixou duas cartas: uma dirigida a sua mulher, pedindo-lhe perdão; outra ao chefe de policia, comunicando-lhe seus propositos.

Os jornaes, ao lado de extensos necrologios de Julio Heredia, publicaram violentos ataques á policia, que não soube descobrir os restos mortaes do escritor. Organizaram-se subscrições. O Atheneu realizou uma festa em beneficio da viuva e do filho do suicída. Alguem, recordando que o suicída estreou uma vez no Slava, propôs um benefcio no qual trabalhassem as companhias de todos os teatros.

"A Noticia" publicou o artigo "Meu suicídio", anunciando-o préviamente, com grandes titulos, no numero anterior, e com imensos cartazes negros com letras em todas as esquinas.

O publico, com essa inconsciencia de critério que acredita sua acefalia, chegou a aprender de memoria o nome de Julio Heredia, e a procurar seus livros e a lamentar a grande perda "nacional"...

* * *

MENDIVAR sentiu os passos do continuo e levantou a cabeça.

— Que há?

Era no mês de junho. Uma tépida luz de amanhecer opalescia os cristaes deslustrados das janelas.

— E' um senhor que deseja ver o senhor diretor.

— Mas, quem é?... Devia ter-lhe dito que eu já tinha saído.

— Disse-o; mas êle assegurou que se tratava de uma cousa muito urgente.

— Dize-lhe que entre.

E Mendivar levantou-se, levemente intrigado.

Entrou o visitante e ficou na porta, sorrindo. Mendivar inclinou-se:

— A's suas ordens, cavalheiro.

O outro continuava sorrindo.

Mendivar sentiu um estremecimento. Aquele sorriso...

— Trago-lhe um artigo. Não; é inútil que proteste. Já sei o que me vae dizer; mas este é definitivo. Será um sucesso jornalístico.

Mendivar passou a mão pelos olhos. Aquela voz, aquela atitude de segurança... Ainda as mesmas palavras... Por um segundo lhe ziguezagueou o cerebro uma idéa absurda.

O cavalheiro continuou falando, sempre sorridente.

— Intitula-se "Minha ressurreição". Vocês serão os primeiros a dar a noticia. Agora já tenho um nome feito e sei que não mais preciso de lutar.

Mendivar não pôde conter-se e arrancou-lhe, violentamente, das mãos, as laudas, procurando a assignatura.

Na última estava o nome do senhor: "Julio Heredia".

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

CAPITULO LXXXI

A VIDA E A MORTE

LEVAREMOS o leitor ao gabinete de trabalho de Nostradamus. Era justamente no momento em que Catharina de Medicis transpunha a porta da sala de jantar dos senhores Strapafar, Trinquemaille, de Bouracan e de Corpodibale.

Nostradamus, sentado numa commoda poltrona, contemplava com piedade sombria Royal de Beaurevers, de pé ante elle. Essa piedade era real, sincera, profunda. Nostradamus não tinha o menor odio contra "o filho de Maria e de Henrique". Se elle o podesse salvar, tel-o-ia salvo... Mas o rapaz estava condemnado. Por quem? Pelo "Destino"!

— O destino é logico — pensava Nostradamus. — O filho de Henrique é o instrumento que me foi enviado. Seria absurdo que Roncherolles, Saint-André e Henrique de França não soffressem um castigo logico. Francisco foi morto em Tournon. Morto por mim. O veneno de Montecuculi foi apenas um instrumento. Esses devem morrer... Na hospedaria de Melun, eu me encontrei em presença do filho de Henrique do filho de Saint-André, da filha de Roncherolles. Eis ahi os meus instrumentos. Rapaz — continuou elle, em voz alta — quando souber onde está Florise, quando tiver punido o autor do rapto, quando não tiver senão que vingar esse velho truão que eu matei...

— Brabant! — murmurou Royal, com um estremecimento brusco.

— Sim. Nesse momento cumprirá a palavra que deu ao morto? Matar-me-á com essa mesma daga com que matei Brabant?

Elle daria tudo para que Royal lhe respondesse "Sim!"

— Tem medo? — disse Beaurevers.

Nostradamus sorriu. Esse sorriso, que foi a sua unica resposta, causou pasmo a Royal. Seguiu-se um minuto de silencio, durante o qual Nostradamus se afundou nesses vertiginosos abysmos de imaginação em que ninguem ousaria seguil-o. Em breve tornou aos sentimentos terrenos e continuou:

— Responda á minha pergunta. Quando não tiver mais necessidade de mim, matar-me-á?

Royal fechou por um momento os olhos. Seus dentes cerraram-se. Seu rosto tornou-se corado; depois empallideceu. Uma dessas crises de furor, em que o seu sangue desejava sangue, desencadeou-se nelle. Elle gritou:

— Não me provoque! O que eu quero fazer de vós, não sei, não sei mais! O que de minha parte vos succederá só a mim interessa. Assim, pelo sangue de Christo, não me fale mais nisso. Prometteste-me que terça-feira á noite eu saberia onde "ella" se acha. Eis ahi o que importa. Eu repito: não abuse da minha paciencia!

Elle teria causado medo a outro que não Nostradamus. Mas nada poderia intimidar esse homem, pois que elle estava acima da morte.

— Eu quero cumprir a minha promessa. Quanto a vós, prometteí-me não sahir deste palacio antes de amanhã de manhã.

Royal não respondeu.

— Seja! — continuou Nostradamus. — Ouça, pois: a algumas leguas de Villes Cotterets existe um castello, que reconhecerá facilmente pelas suas vastas e solidas proporções. Chama-se Pierrefonds. E' ahi, caso possa penetrar, que encontrará...

Nostradamus calou-se. Royal de Beaurevers já não estava lá. Acabava de deixar ás pressas o gabinete. Quando elle chegava ao pateo, baixava a ponte levadiça e Djinno encaminhava-se para Cathrina de Medicis. De um salto Royal estava na rua. Em pouco tempo desapparecera.

No momento em que Royal transpoz a ponte ficou por um instante vivamente exposto sobre a luz das tochas que dois lacaios traziam, os quaes tinham vindo sob as ordens de Djinno para prestar as honras á illustre visitante... Ao mesmo tempo, na rua repercutiu um assovio demorado. E então sombras moveram-se em direcção ao caminho seguido por Beaurevers Era Lagarde!... Eram os oito homens do Esquadrão de Ferro...

Havia trez dias que Lagarde vigiava as proximidades do palacio. Era uma questão de vida ou morte. Queria o sangue e a pelle de Beaurevers... Lagarde agia por conta da rainha; excellente razão para agir tão apaixonadamente como se fosse por sua propria conta.

Elle vira sahir Royal em pleno dia e o tinha seguido até o palacio do preboste. Dessa vez não se apresentou occasião azada de apunhalal-o. Agora, era outra coisa.

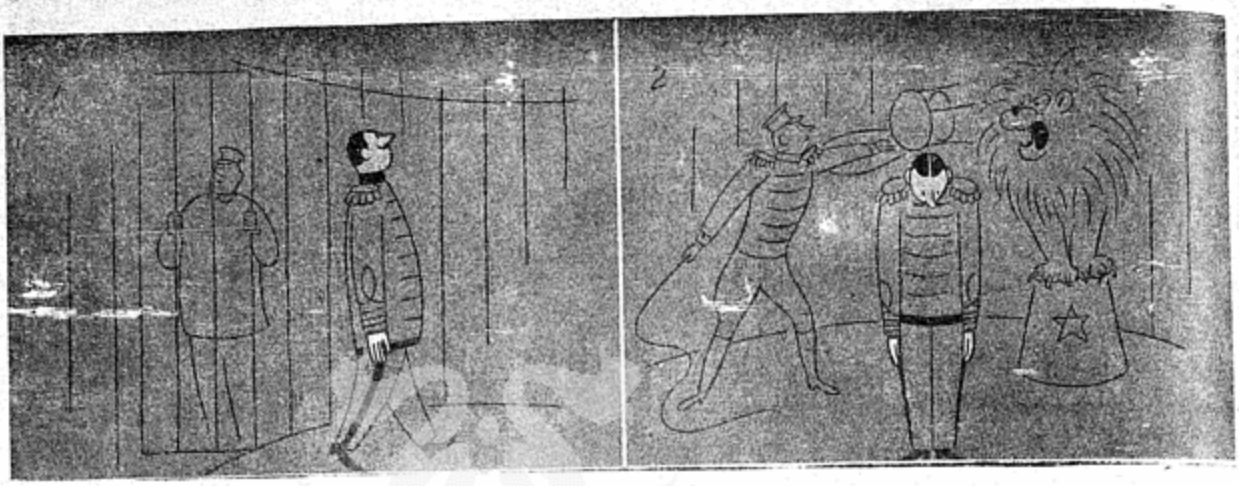
Royal de Beaurevers, só, em plena noite!... Poder-se-ia encontrar circumstancia mais favoravel? Em vez, pois, de se admirar da chegada da rainha (sufficientemente protegida pelos quatro recrutas), elle se lançou com os seus homens. Na curva da rua alcançou Royal, e teve um suspiro de contentamento. Tirou a sua espada, limpou-a no manto e disse:

— Attenção!

Os oito, a um tempo, arrancaram as espadas. Houve no bando um fremito de alegria. O desejo de matar, que sempre era um prazer para elles. E além disso havia um premio de dois mil escudos para o dia em que pudessem dizer á rainha: "Está acabado! Eis aqui a sua cabeça!..."

Royal caminhava rapidamente. Não ouvia atraz de si os passos precipitados dos assassinos. Ouvia apenas o bater do seu coração. Pulsações de amor. Pulsações de furor. Elle espumava, daria a metade de sua vida para se achar face a face com o autor do rapto. Quem seri?... Era preciso esperar até o dia seguinte!... As portas de Paris estavam fechadas. Sómente no dia se-

(*Continua na pag. seguinte*)



NOSTRADAMUS

(*Continuação*)

guinte, pela manhã, elle poderia partir para Pierrefonds.

— Olá, senhor! — disse, de repente, uma voz rouquenha. — Sim, vós, senhor! Para onde ides com tanta pressa? Morte do diabo, sozinho occupaes toda a rua e me impedis de passar!

Royal voltou-se, e, na escuridão, distinguiu o reflexo de nove espadas.

— Ah! Ah! Ah! — disse elle. — Trata-se, então, de uma boa partida? "Tudiable"! Eu precisava justamente desenferrujar os punhos!

No mesmo momento os nove cahiram sobre elle. De um salto Royal recolheu-se a uma reentrancia da rua, a sua espada descreveu nas trevas caracteres phantasticos de aço.

— Sus! Sus! — gritou Lagarde.

— A' morte! A sua cabeça! — vociferou a uma voz todo o Esquadrão de Ferro.

Os quatro estafermos, transformados pelo esquadrão ataio da rainha em espadachins da côrte, haviam estacado diante da ponte. Tambem elles viram esse homem que, a grandes passos, furioso, atravessava a ponte e passava por entre elles aos esbarrões. Ficaram pasmos. Mas já Royal de Beaurevers havia desapparecido por entre as trevas.

— "Sacrament"! — exclamou Bouracan. — Mas é elle!

— "Vé"! — disse Strapafar. — E' o "loupigeoun", meus filhos.

— E' mesmo elle! — murmurou Trinquemaille, limpando os olhos.

— "Andiamo"! — disse Corpodibale. — Para o diabo as donzellas, o Louvre, os reis, as rainhas. O meu rei é Beaurevers!

Iam-se lançar para seguir aquelle que, mesmo no meio dos maiores esplendores, nunca esqueciam. Infelizmente, nesse mesmo instante. Djinno aproximou-s, e, com uma curvatura, lhes disse:

— Os dignos gentishomens não podem esperar na rua. Entrae, senhores, entrae! Ha para vós uma refeição improvisada. Além disso, a rainha assim o quer!

Elles hesitaram, é certo. Mas Royal já estava longe. A rainha ordenava...

Cabisbaixos, atravessaram a ponte, que immediatamente se levantou.

— Onde vae o tempo — murmurou Corpodibale — em que nós podiamos ir e vir, e sobretudo seguil-o!

— Era o bom tempo!... — disseram os outros, num suspiro profundo.

E Catharina de Medicis entrou no gabinete de Nostradamus, que se poz de pé, e ficou firme como se estivesse á espera de um rei. Não havia nelle nem jactancia nem fanfarronada. Essa rainha, para elle, era uma creatura humana. Nem mais nem menos que uma infeliz que lhe vinha implorar alguma coisa. E Catharina não ia mesmo implorar?

— Senhor — disse ella, sentando-se na cadeira que elle lhe offereceu — eu já não vivo. Nenhuma das vossas promessas se realiza. No entanto eu devo acreditar no vosso poder, em vós que me mostrastes a morte, em vós que fizestes Francisco sahir das regiões inaccessiveis...

— Que vos prometti eu, senhora?

— Tudo! — disse, surdamente, Catharina.

— Nada! — disse Nostradamus. — Eu sou apenas o interprete. Digo o que se dará. Quanto a prometter, oh! eu não prometto o que não posso fazer. Ah ficae tranquilla; o que eu prometto cumpro!... Perguntastes se vosso filho Henrique reinará. A resposta foi que o vereis um dia no throno. E agora é esperar, senhora!

— Mas o rei? — balbuciou Catharina.

— A resposta foi que morrerá de morte violenta. E ha de ser assim.

— Quando? — arriscou a rainha.

— Antes do fim deste mez, isso será um facto — disse Nostradamus, com uma funebre solennidade.

Catharina, diante desse homem, punha sua alma a nú. Ella pensava com razão que qualquer dissimulação seria inutil. E depois, ás vezes, ella sentia quasi necessidade de falar. Deixar sahir esse pensamento secreto que se agitava no seu espirito, dizer abertamente que ella queria a morte do rei, talvez a morte de seus filhos, á excepção de Henrique, era, ás vezes, para ella, uma necessidade imperiosa.

— Ouça, senhor — disse ella, rapidamente. — Se é verdade o que dizeis, por que Lagarde não conseguiu nada? Por que esse miseravel Baurevers se achou lá para salvar esse condemnado?

— Odiaes Beaurevers, senhora?

— Sim. Não somente por que salvou o rei, mas ainda porque sabe uma coisa que só eu e Montgomery sabemos. Para não falar de vós, é claro. Quem contou isso a elle? Quem lhe disse que meu filho Henrique não é filho do rei?...

Nostradamus não respondeu.

— Pouco importa — accrescentou Catharina. — Elle o sabe. E isso basta. E' um segredo que mata, senhor!

Ella lançou um olhar ameaçador sobre Nostradamus, que teve um sorriso livido.

— Podeis matar o vosso esposo — disse elle — como matastes Francisco; podeis matar Beaurevers, como tendes morto tantos gentishomens, os quaes tambem

possuiam segredos que matam. Mas nada podeis contra mim. Voltemos, pois, á vossa idéa. Não vos foi dito que o rei seria assassinado por Lagarde. O que vos foi annunciado é que o rei sucumbirá ás mãos de Montgomery. E isso será mesmo assim. Mais uma vez, senhora, tudo é logico no mundo invisivel que governa o mundo visivel... Não ha nada de sobrenatural. Será "natural" que o rei de França morra ferido pela arma de Montgomery...

— Gabriel! — balbuciou Catharina, passando a mão pela fronte. — Eu o conheço. Nunca fará tal. O que dizeis é impossivel. Montgomery não matará o rei!

— Não vos "disseram" que Montgomery matará o rei, senhora. Disseram-vos sómente que o rei cahirá morto pelas mãos de Montgomery. Isso succederá antes do fim do mez — accrescentou Nostradamus, num accento de convicção formidavel. — E ouvi, quereis que eu vos diga?

— Falae! Falae! — disse Catharina de Medicis.

— Trouxestes-me uma espada que pertenceu a Montgomery, não é exacto?

— Perguntastes-me. E então?

— Então! Neste momento "essa espada está nas mãos do homem que deve matar o rei."

A rainha estremeceu violentamente. Seu rosto tornou-se purpureo.

— Sim — pensava Nostradamus — eu tive a fraqueza de querer "ajudar" o destino. Substitui a espada de Beaurevers, que traz agora a de Montgomery. Para que servirá isso?.... Loucura! Mas... quem sabe se essa substituição não foi prevista e desejada?... Sim, isso deve ser assim. De outro modo eu não poderia comprehender o que ha de, apparentemente, incoherente na marcha desses acontecimentos que nem uma força póde mudar. Henrique não póde ser morto ao mesmo tempo por Montgomery e por Beaurevers. Só Beaurevers é o instrumento...

— Nada mais tendes a pedir-me, senhora?

Catharina pareceu voltar de algum sonho funesto. E lentamente levantou os olhos para o magico.

— A vós "pedir"? Não. Que essa predicção se cumpra, e vereis o quanto valem o poder e o reconhecimento de Catharina. Podeis fazer ouro, assim m'o dissestes. Mas ignoraes as alegrias do despotismo. Por mim, chegareis a conhecel-as... Não, eu não tenho mais nada a vos "pedir" Mas, desde que vos falei, ha no meu espirito uma pergunta sombria. Disseste-me uma noite que se podem resuscitar os mortos. Oh! Não apenas evocar-lhe a sombra. Isso eu sei. Eu vi! — Ajuntou ella, estremecendo. Eu fui tocada na fronte pelo espectro. E Henrique me disse que eu rescendo a morte!... Eu falo em resuscital-os em carne e osso. Tentastes alguma vez essa operação que vos faria igual a Deus?

— Não, senhora.

— Mas, se fosse preciso, tentarieis?...

— Sim. Para uma pessoa que me fosse muito querida. Mas eu não conheço ninguem assim. Meu coração morreu para toda affeição humana. Não E.u não tenho ninguem a resuscitar.

— Mas persiste em crer que esse prodigio seja possivel?

Nostradamus pareceu concentrar-se. Uma estranha serenidade illuminou esse rosto atormentado. E numa voz de certeza, numa voz que se podia chamar "convicção", eis o que elle disse:

— Senhora, nós chamamos impossiveis os phenomenos que nunca se produziram, ou que parecem ir de encontro ás leis da natureza. Mas que é uma lei da natureza para a ignorancia? E' somente a constatação de um facto sempre repetido. Todas as vezes que soltamos uma pedra, vemol-a cahir. E dizemos: E' uma lei da natureza que quer que esta pedra caia. Nunca vimos qualquer ser realmente privado da vida erguer-se, caminhar, respirar, reviver, emfim. E dizemos: a resurreição, ou, se preferis, a reincarnação é *impossivel*, porque é contraria a uma lei natural. Em realidade contra a resurreição ou contra a reincarnação, só existe uma prova, uma só: é que, até o presente, os homens ou a maior parte dos homens nunca viram uma resurreição... Mas isso não é uma prova. E' uma simples probabilidade...

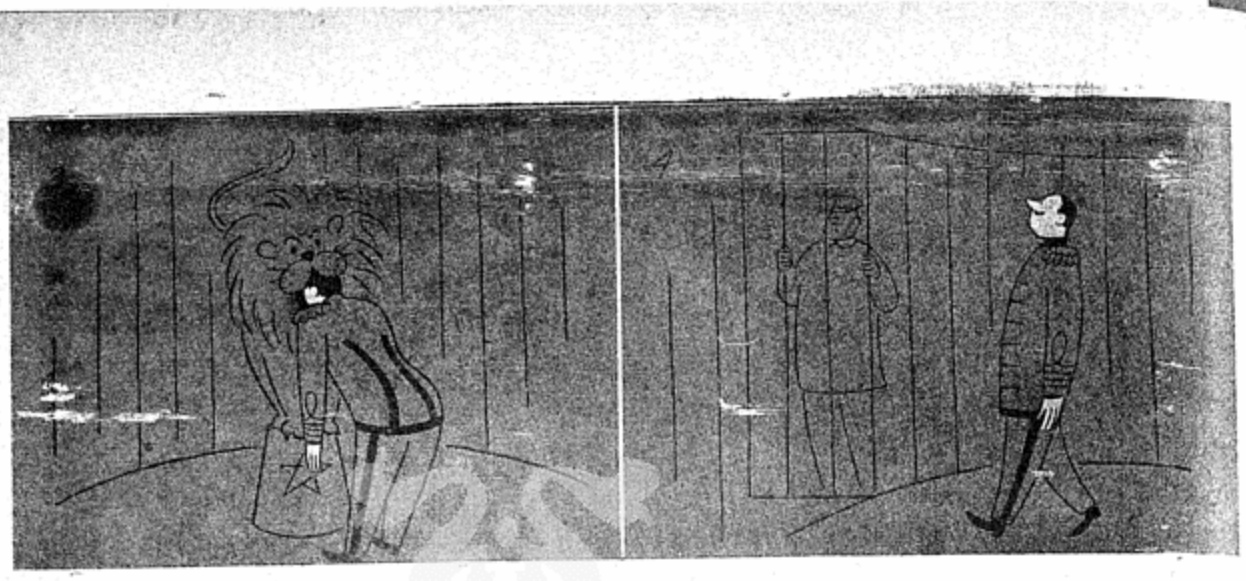
Nostradamus levantou-se. Esse espirito tão audacioso, cujas concepções penetravam ás vezes nas regiões conhecidas, indeterminadas, chamadas "loucura", esse espirito se entregava a especulações em que se confundem o possivel e o impossivel.

— Eis um cadaver — continuou elle. — Nada o distingue do que elle era quando vivo. Eis aqui um vivente :tem musculos, nervos, carne, sangue. Vive. Um millesimo de segundo que se passa, menos ainda — e elle vivia. Um instante depois, era cadaver .Que se passou?... Se eu o examino, encontro os mesmos ossos, os mmos musculos, os mesmos nervos, na mesma quantidade, na mesma disposição, o mesmo sangue com o mesmo peso. Nada falta. E' o mesmo ser. Vivia. E' agora um cadaver Que se passou?...

Catharina ouvia attentamente. Ella era todo um ser que ouve. Nada vivia mais nella, nem mesmo a recordação de seu amado filho. Ella aspirava as palavras do mágico.

— Eis o que se diz — proseguiu Nostradamus, naquella voz que resoava como as cordas de uma harpa. — Diz-se: havia uma coisa no ser vivente. Essa alguma

(*Continua na pag. seguinte*)



NOSTRADAMUS

(*Continuação*)

coisa não existe mais no cadaver. E eis a morte explicada, admittida. Muito bem! Modifiquemos essa affirmação e digamos: *alguma coisa que não existia no ser vivo acaba de penetrar nelle, e eis ahi um cadaver!*

— Alguma coisa! — disse Catharina. — A morte! E' a morte que ahi penetra...

— A morte! Termo vago, desprovido de sentido e apenas capaz de phantasiar uma apparencia. Ouvi. Diz-se: "Falta a este cadaver alguma coisa que não falta ao ser vivo". E julga-se ter raciocinado victoriosamente. Na realidade, contentamo-nos em observar o movimento, a sensibilidade dos nervos, a circulação do sangue que faltam no cadaver. Não é um raciocinio. E' uma constatação, nada mais. Mas eu, senhora, eu, que penetrei os abysmos da morte, eu, que fui buscar o segredo do organismo vital, eu digo o contrario: "Ha alguma coisa no cadaver que não havia no ser vivo!" Na primeira these, senhora, impossibilidade de resurreição natural. Por que se toma em consideração alguma coisa que havia no ser vivo e que não ha mais no cadaver?... Com a minha these a resurreição torna-se possivel. Por isso eu digo: Se alguma coisa existe no "cadaver que não existia no ser vivo, *eu posso retirar essa qualquer coisa*, e o cadaver se transforma numa ser vivo".

Catharina tremia como treme todo ser humano que se entrega á mesma questão de apparencia insoluvel para a humanidade. E ella balbuciou:

— E encontrastes?

— Eu penso que essa força, que "não destróe", mas que "modifica" o movimento, pode ser arrancada por uma força que deixa o movimento, a sua fórma, sua apparencia, o que nós chamamos vida.

Um reflexo de orgulho sublime illuminou a fronte de Nostradamus. Elle respondeu:

— Sim, achei!

Depois de um longo silêncio, elle continuou:

— Eu descobri que o ser enfranquecido pela doença, por um ferimento grave, por uma causa qualquer, torna-se incapaz de se defender. Descobri que todos os seres vivos, em plena saúde, em pleno vigor, são assaltados cem vezes por hora por "alguma coisa" que os quer penetrar, para transformal-os em cadaveres. Elles se defendem até o dia em que a defesa lhes falta... Então essa "alguma coisa" penetra-o. Repito, se prefere, que é uma "força". Digamos que é o espirito da desorganização. Se eu consigo dominar esta por uma força contraria e impedil-a de penetrar até que o ser tenha recuperado os meios de defesa, obtenho a resurreição... Toda a questão reside, pois, em compor esta "força contraria" que eu *quero introduzir no cadaver.*

— E consegue compol-a? — perguntou Catharina.

— Nunca tentei — respondeu, simplesmente, Nostradamus. — Nunca tentei, porque um dos elementos dessa composição repugna á minha fraqueza humana, e porque só a idéa de empregal-o causa horror a todo o meu ser.

— E qual é esse elemento? — disse Catharina, admirada.

— A vida de uma criança!.. Uma criança tenra, vigorosa, de doze annos no maximo, uma criança filha de um verdadeiro amor... Entre outros elementos que possuo, esse é o unico que me falta. Nunca hei de procural-o.

— Que? — protestou Catharina. — Deixar-vos-eis então vencer por...

— Ah! Senhora — interrompeu Nostradamus, de um modo bem raro nelle. — Vêde bem o que me dizeis. Ouvi; eu vou fazer-vos comprehender tudo. "O vosso filho! O vosso filho Henrique! Este se acha nas condições mais favoraveis" Se eu pudesse dispor delle! Se, para resuscitar um morto, eu pudesse dispor da sua vida, "da vida delle!..."

Catharina teve um grito terrivel.

— Calae-vos! — exclamou ella, já de pé, palpitante, as unhas como garras para defender seu filho.

— Bem vê como! — disse Nostradamus.

— Tendes razão — disse ella, ainda palpitante. E' horrivel. Eu morreria... mas... mas... ha... outras crianças...

Nostradamus segurou, rudemente, os punhos e, com especie de magestade, disse:

— Agora a vez de falar é minha. Calae-vos, senhora!... Acabais de fazer um movimento maternal, que redime, talvez, muitas idéas criminosas. Deixae-me sob esta impressão, e meditae que uma mãe, na mais miseravel das choupanas, é tão augusta como vós no no vosso Louvre. Ide, senhora... e que os genios superiores possam destinar ao vosso filho toda felicidade que lhe desejaes!

Catharina inclinou-se sob essa palavra que abençoava seu filho. Era a rainha! Era uma mãe.

CAPITULO LXXXII

APPARIÇÃO

NOSTRADAMUS, depois da partida da rainha, sentou-se a uma grande mesa coberta de livros abertos. Durante alguns minutos conservou-se pensati-

vo, deante desses livros, de penna em punho. Elle pensava:

—Trabalho, trabalho! Unicamente tu é que me dás força de supportar as miserias deste coração que não morre... que bate ainda por *Ella*.

Ergueu-se bruscamente e começou a passear lentamente pelo gabinete.

—Quantas vezes, desde a minha volta a Paris, eu me tenho ido assentar sob os salgueiros da margem do Sena!... Foi ahi que gozei toda a musica da sua voz, foi ahi que procurei, na pureza dos seus olhos, um reflexo de felicidade infinita...

Abriu um livro. Percorreu algumas linhas num olhar morno. Depois fechou-o, deixando-o cahir sobre a mesa.

—Foi horrivel, diante da porta de Sait Germain l'Auxerrois; quando eu soube que ella se chamava Croixmart, que era filha do homem que lançou minha mãe na fogueira, julguei que fosse morrer. Por que não estou morto?...

Um soluço formidavel agitou-lhe o peito.

—E, no emtanto, eu lhe perdoei tudo isso. Sim, eu creio, estou certo de que ella não denunciou minha mãe!... Ella não era responsavel pelos crimes de seu pae. Maria! Maria! Eu comprehendi que só o teu amor te havia dictado a mentira... mas posso perdoar-te haveres pertencido a Henrique?... Oh! Esse filho! Esse Beaurevers! Essa prova viva da trahição!...

Nostradamus começou a caminhar precipitadamente. O suor banhava-lhe o rosto.

—Por vezes tentei duvidar. Passei em rivista todos os prodigios da mesma natureza. Cheguei mesmo a imaginar que esse filho... não! Oh! mil vezes não! Esperança estupida!... As palavras do delphim agonizante foram formaes! E' um testemunho irrecusavel! Elle sabia a horrivel verdade, elle! E foi a verdade que elle me disse quando, antes de morrer, naquelle quarto de Tournon onde eu o ia salvar, exclamou que tu tinhas um filho que é esse filho de seu irmão Henrique! Maria! Maria! De que é feito o meu coração, visto que ainda te amo? Onde estás? Por que nunca obedeceste á minha voz? Por que teu espirito astral sempre escapou aos sentimentos sagrados a que obedecem todos os espiritos?...

De novo voltou a sentar-se a mesa. Seu pensamento, agora, andava por um outro mundo. Elle murmurou:

—Esses espiritos, como é que eu nunca os vi? Cinco ou seis vezes, desde que possuo o segredo magico, tentei evocações. Sempre, o espirito se mostrou a quem eu o designava, "mas nunca a mim"! Quando eu o evoquei diante de Catharina, o espirito de Francisco, Catharina o viu! Catharina foi tocada na fronte. *Mas eu, eu não vi*... Por que? Quando eu chamei, hontem, no quarto de Tournon, o espirito de Maria ainda viva, Francisco ouviu a voz della. *Mas eu, eu não ouvi*. Por que? Quando eu chamei, diante de Roland, espirito da filha de Roncherolles, Roland viu Florise. *Mas eu, eu não vi*. Por que? Mysterios. Abysmos insondaveis. Jogos infinitos do infinito! Vamos, trabalhemos, trabalhemos! E' ainda a unica verdadeira consolação que eu tenho!

Nstradamus começou a escrever.

—Trabalhemos! Muito bem dito, mestre! — disse uma voz aspera, por traz delle.

—Cala-te, Djinno! — disse, docemente, Nostradamus.

O velhinho approximou-se, todo curvado, a fazer reverencias, o rosto enrugado, os olhos brilhantes de malicia.

—Eh! eh! — disse elle, esfregando as mãos. — Eu tambem trabalhei. Eu vos ajudo. Examinei todos esses velhos pergaminhos que lestes. E sei! Escrevei, mestre, escrevei! Eu sei o numero dos demonios. Eu conheço a composição desse vasto exército do mal. Escrevei, escrevei!

Djino esfregava as mãos; tudo nelle era riso, um riso inextinguivel. Não era possivel imaginar um velho mais alegre — e elle era de fazer arrepiar os cabellos. O velhinho, sempre agitado pelo seu riso epileptico, approximou-se da mesa e lançou um olhar sobre os papeis dispersos.

—Não escreveis? — disse elle, com umacareta. — De que me serve o mal por que passei? Tantas noites perdidas nesse trabalho! Para que tanto trabalhaes?... Bem. Sempre, sempre entregue ás Centurias! Bello trabalho! Mestre, deixae as vossas centurias e escrevei! Sabeis quantos demonios eu contei? Ha seis mil seiscentos e sessenta e seis legiões. Cada legião comprehende seis mil seiscentos e sessenta e seis anjos. Tudo isso nos dá um exército de perto de quarenta e cinco milhões que...

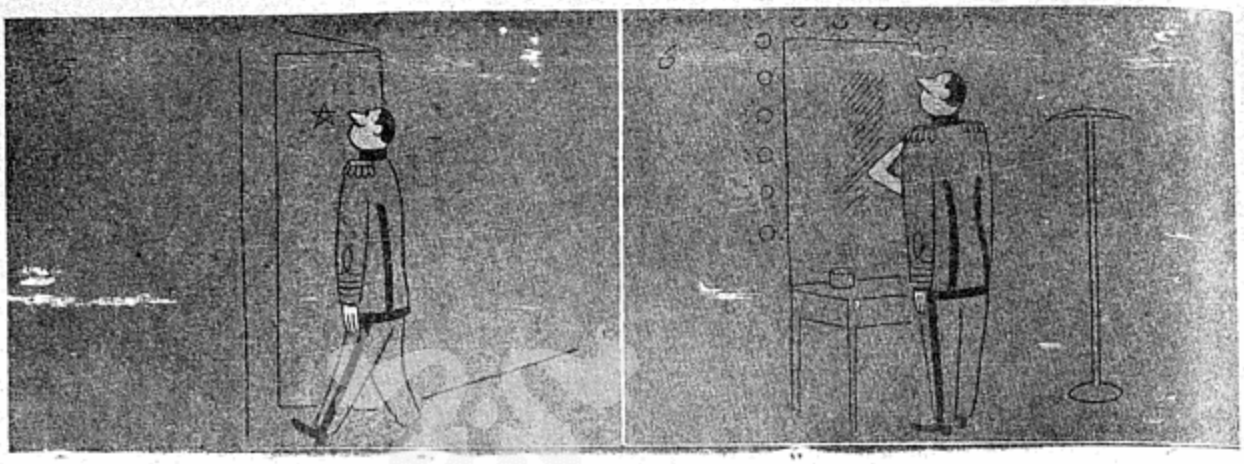
—Djinno, Djinno, deixa-me trabalhar! — disse, docemente, Nostradamus.

—Nas centurias! — gritou o velhinho, num tom de indignação. — Quando eu vos dava a prova de que ha justamente tantos demonios quantos creaturas humanas...

—Oh! oh! — disse Nostradamus, sorrindo. — Que entendes por isso? Quererás tu dizer que cada creatura humana é um demonio?

—Não e não. Eu vos quero provar que o numero dos demonios é sempre igual ao numero das creaturas humanas vivas, de sorte que cada um de nós é escoltado, conduzido, guiado, aconselhado por um anjo negro. Que escreveis ahi? Vejamos.

(*Continua na pag. seguinte*)



NOSTRADAMUS

(Continuação)

Nostradamus, depois de haver consultado varios pergaminhos recobertos de figuras geometricas, acabava de escrever as duas linhas seguintes:

Anno 1589.

A morte subita do primeiro personagem.

Modificará tudo e trará um novo reinado.

(Estes versos são os dois primeiros da decima quadra da decima Centuria).

— De que vos poderá servir isso? — gritou, asperamente, Djinno. — Mestre, mestre, por que vos mataes neste trabalho?

— Para esquecer! — respondeu, surdamente, Nostradamus.

Endireitou a cabeça e voltou-se para Djinno, a quem interrogou com um olhar.

Como se tivesse comprehendido esse olhar, o velhinho parou de rir, e, depondo sobre a mesa varios papeis numerados, e em ordem, disse:

— Mestre, ficae tranquillo. Nós temos olhos em tudo. Consultae estas notas que resumem os diversos relatorios dos nossos espiões. Eis o que concerne a *demoiselle* Florise, no seu castello em Pierrefonds. Eis alguma coisa sobre o senhor de Roncherolles no seu cubiculo do Chatelet. Sobre o senhor de Saint-André. Sobreorei de França. Sobre a rainha e os quatro espadachins que entraram para o seu serviço.

Djinno saudou profundamente e retirou-se a correr, em passinhos curtos.

Nostradamus tomou o papel que dizia respeito a Roncherolles, leu-o attentamente e suspirou... Alguma coisa como o rugido do tigre que se apodera da presa...

— Soffre, damnado! — disse elle. — Não soffrerás nunca o que eu soffri!

Inclinou-se sobre os pergaminhos e ficou immovel, absorto num estudo que durou duas ou três horas. Então, sem cessar de contemplar as linhas geometricas, tacteando, procurou a penna e, sem olhar, escreveu:

O grande de Blois, seu amigo matará.

O reino posto em mal e dupla incerteza.

(Estes dois versos acham-se na quinquagesima quinta quadra da terceira Centuria).

Durante muito tempo ainda Nostradamus ficou absorto a contemplar esses pergaminhos cada um dos quaes continha o horoscopo de um dos personagens da época.

O dia começava a entrar pelos vitraes das duas janellas quando Nostradamus se recostou no espaldar da cadeira, de olhos fechados. Comtudo, elle não dormia. E, sem duvida, mesmo através desse prodigioso trabalho, que exigia uma formidavel tensão cerebral, uma idéa o perseguia. Sem duvida a idéa dominante da sua vida continuava a perseguil-o, porque elle murmurou:

— Que! O que veem os outros, quando eu evoco os espiritos, eu não poderia nunca vêr! Oh! vêr! Vel-a! Tornar a vel-a! Uma vez... uma vez apenas antes de morrer! Tentemos ainda!

Nostradamus não foi ao gabinete das evocações. Ficou sentado na cadeira, contentando-se em voltal-a para o oriente, depois de ter apagado as tochas que se achavam sobre a mesa. Os primeiros albores da manhã que se derramavam nesse quarto eram insufficientes para extinguir a escuridão; serviam apenas para dar ás trévas uma tonalidade mais mysteriosa.

Nostradamus ficou absorto numa especie de contemplação enervante. Pouco a pouco elle penetrava nessa contemplação e a sua idéa marchava de grão em grão; poder-se-ia seguir pelo seu rosto as etapas dessa descida ás profundas do mysterio.

Seu olhar, primeiro, foi de uma fixidez absoluta, que um homem no seu estado normal não poderia conservar muito tempo; os olhos tornaram-se vitreos; um suor abundante correu-lhe pela fronte, deslisando até o pescoço; seu rosto, ordinariamente livido e calmo, convulsionou-se como sob o esfôrço de uma dôr nervosa e coloriu-se ligeiramente. Depois, quasi sem transição, uma serenidade sobrehumana illuminou esse rosto.

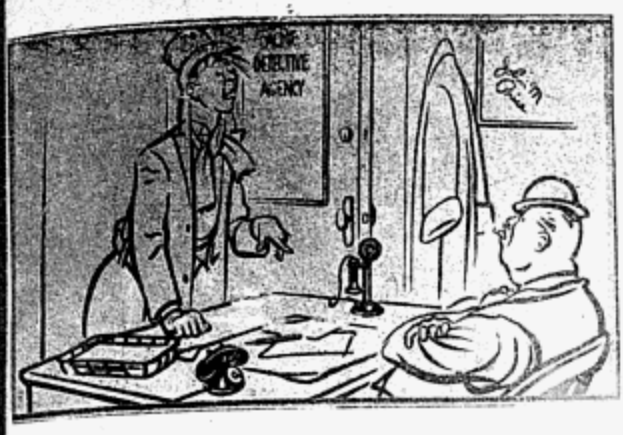
De todo o seu ser, com toda a sua vontade complicada, Nostradamus chamou o espirito de Maria. Tudo que havia nelle de fluidos poderosos exteriorizou-se e disseminou-se nos espaços. Paris dormia. O silencio era enorme. De repente, uma forma se manifestou no ar, a três passos de Nostradamus, direito para elle.

Nós dizemos uma forma, em falta de outro termo mais apropriado. Na realidade, isso não tinha forma. Era antes uma condensação brilhante num certo ponto da atmosphera.

Nostradamus viu, claramente, essa brancura que se balançava no ar... E elle foi agitado de um tremor horrivel. Sentiu os cabellos eriçados... Pela primeira vez, *elle via o invisivel.*

Elle falou. Não com os labios, mas com o pensamento:

— E's tu, Maria bem amada? E's tu? Eu te conjuro, por uma palavra, por um gesto, por um signal que faças perceber que és tu! Eu assim o quero!



— O senhor é detective? Pois preciso muito dos seus serviços profissionais... Imagine que estou perdido... Ha dois dias que não apareço em casa!...

Sua vontade tornou-se tensa nelle até que lhe pareceu que essa vontade vibrava como uma corda de metal bem esticada. O ar, em torno delle, vibrava como se ahi houvesse uma grande fogueira. E então a brancura vaga e aerea condensou-se mais ainda. Precisou-se quasi, mas não de uma maneira absoluta.

Em todo caso, ganhou dessa vez uma forma. E era uma forma humana toda branca e brilhante, em que elle distinguia os vagos contornos de um corpo suspenso no ar, com o seu busto, seus braços, sua roupa a fluctuar, sua cabeça ainda indecisa... Redobrou de vontade. Violentos sobresaltos o agitaram. Por vezes uma imprecação sahia de seus labios. A forma humana precipitou-se ainda, tornando-se uma forma feminina, sem que elle pudesse distinguir o rosto nem os detalhes do vestuario.

Um tempo inapreciavel se passou, talvez varios minutos, durante os quaes os tremores que agitavam Nostradamus tornaram-se, mais rapidos. Uma espuma leve brotou-lhe dos labios, seus olhos estavam convulsos, isto é, a pupilla estava voltada para dentro, *o que quer dizer que elle não podia mais vêr*. E foi nesse momento que elle "viu!

Viu o rosto e o reconheceu! Viu o vestuario e o reconhece! Era ella! Era Maria!

Estava vestida de preto e branco; vestida de luto. Trazia exactamente os mesmos vestuarios que tinha na noite em que ajudou a procurar entre as cinzas da fogueira a ossada da suppliciada! Elle a viu tal qual como a tinha visto quando, com o olhar carregado de paixão, elle a tinha contemplado no cemiterio dos Innocentes. Elle a viu tal como ella lhe apparecia sempre depois dessa noite de dôr ineffavel, de indizivel horror e de amor sublime.

Um desses terriveis estremecimentos de que já falamos fel-o erguer-se. Um longo, um funebre gemido vibrou no silencio. Era Nostradamus que chamava Maria! Que gemia pela morte e de horror! Que se debatia com toda a sua carne revoltada contra a presença do "Invisivel"!

Cahiu sobre o tapete, sem sentidos.

Quando voltou a si, o dia ia alto. Djinno apressou-se em cuidar delle e repetia:

— Eis ahi para que servem as vossas Centurias do diabo! Ao fogo, mestre, ao fogo as Centurias!

CAPITULO LXXXIII

RONCHEROLLES

NOSTRADAMUS acabava de fazer, por sua propria conta, uma evocação. Até esse dia, elle nunca tinha "visto" o que fazia vêr aos outros. Dessa vez elle tinha visto por si mesmo. Pensava sobre as causas desse facto, que lhe parecia estranho e eis a que conclusão chegou:

— O dia que começa é o em que Henrique e Beaurever vão, emfim, achar-se de face a face. E' o castigo do rei Henrique que começa. E, nesta quarta-feira, tambem Roncherolles vae sucumbir. E' o dia em que poderei dizer a esse homem que eu me chamo Vingador. E', pois natural que Maria se tenha mostrado a mim para encorajar-me.

O terrivel dispendicio de vontade, o esforço realizado, o invencivel terror por que havia passado, todas essas afflicções o tinham quasi prostrado, aniquillado.

Cerca de meio-dia, graças a asse inextinguivel reserva de energia que fazia delle um ser excepcional, e graças, também, aos estimulantes cujo segrêdo possuia, começou a se tornar senhor de si proprio.

Algumas horas mais tarde, elle tinha inteiramente vencido esse abatimento. Montou a cavallo, e, seguido de dois lacaios armados, tomou a direcção do grande Chatelet.

Seria difficil imaginar o effeito que produzia esse homem sobre a população de Paris, quando elle passava vestido de velludo negro, um manto de sêda negra cahido sobre as espaduas com uma especie de elegancia funebre, as plumas negras do seu toque ondulado ao vento.

Esse alto talhe, essa larga envergadura de espaduas, essa nobre cabeça pensativa, esses olhos negros que por vezes brilhavam sinistramente e de outras apenas deixavam filtrar um raio de piedade, essa belleza extraordinaria do rosto, mau grado a sua côr livida, teriam chamado a attenção da multidão, mesmo se não soubesse em quem era esse grande senhor. Mas sabiam que era Nostradamus! E um rumor o escoltava:

— E' elle! Eil-o!

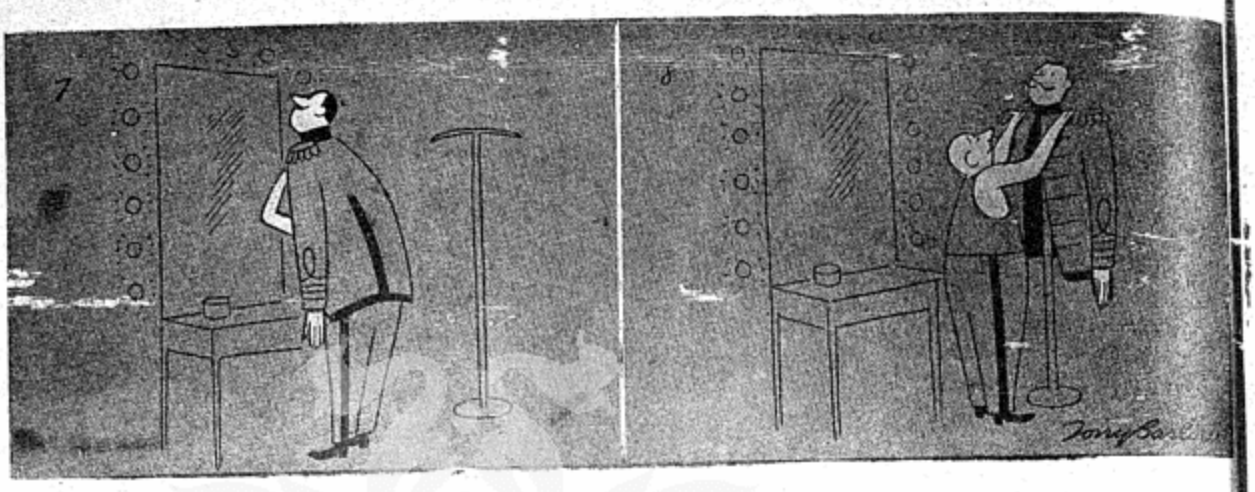
E então se agglomeravam; as ruas circumvizinhas derramavam gente curiosa; uns se persignavam com terror, outros se approximavam delle para tocar no seu manto; os doentes supplicavam-lhe a saúde; de bocca em bocca corria o murmúrio da admiração popular:

— E' o advinho que conhece o futuro!

— E' o curador! E' Nostradamus!

Ainda fazia sol quando, com um passaporte do rei, Nostradamus penetrou na velha fortaleza; mas quando elle tinha transposto a porta, quando se achou diante do "Paraiso", em que estava preso Roncherolles, as trevas o envolveram num sudario gelido. Elle tomou uma lanterna e as chaves das mãos do carcereiro que o escoltava, abriu elle proprio e entrou sozinho.

(*Continua na pag. seguinte*)



NOSTRADAMUS

(Continuação)

Ao barulho dos cadeados, á vista dessa luz pallida que o ia visitar, o prisioneiro ergueu-se do pequeno leito em que se achava, o rosto entre as mãos e, cambaleante, acercou-se:

— Quem vem lá! Sois vós, emfim, meu revecendo monge?

— O senhor de Loyola não virá — disse Nostradamus. — Nunca mais o verá. Está neste momento caminhando para Roma, e duvido que cregue lá vivo.

— Partiu! — exclamou Roncherolles, torcendo as mãos. — Partiu e abandonou-me! Que elle seja maldito!

— Faz muito mal em amaldiçoal-o — disse Nostradamus. — Elle queria salval-o. Foi impedido por Sua Magestade o rei Henrique, que o expulsou do seu reino.

— O rei! Sim, deve ser isso mesmo! Foi esse rei covarde, esse rei cruel, esse rei fanfarrão que commetteu mais uma infamia! Sua Magestade! — accrescentou Roncherolles, com um riso sinistro. Pois bem! Maldito seja, pois, o rei Henrique!

— Faz mal em amaldiçoar o rei — disse Nostradamus. — Elle não fez mais do que obedecer aos conselhos ou á ordem que alguem lhe deu.

Roncherolles fixou sobre o seu visitante um olhar de terror. Elle procurava reconhecer esse homem que lhe falava assim, com a mesma voz sem accento, sem entonação, sem "côr", e na qual elle adivinhava, no entanto, ameaças. E pensava comsigo:

— E quem foi mais poderoso do que Ignacio de Loyola? Quem é tão poderoso para dar ordens ao rei de França? Quem fez expulsar o monge e consumar a minha desgraça?

— Eu! — disse Nostradamus.

— *Vós! Vós!* Oh! Quem és tu, demonio, que vens arrepender-te do mal que fizeste? Eu não vejo o teu rosto maldito!... Mas parece que já ouvi esta voz odiosa que remoe a alma! Quem és tu? Ousa, pois, ao menos lançar-me a infamia do teu nome.

Nostradamus, sem nada dizer, deixou cahir o seu manto e ergueu a lanterna de modo a illuminar o seu rosto.

Roncherolles recuou até a extremidade do cubiculo e disse:

— Nostradamus!

Roncherolles, durante alguns minutos, ficou assombrado, os olhos fixos sobre essa physionomia impassivel e formidavel como deve ser a figura da vingança. Nas trevas, elle não via o corpo e apenas o rosto livido lhe apparecia vagamente, como isolado no ar.

Nostradamus calou-se. Sorria. Seus dentes, muit brancos, se mostravam. Esse sorriso hypnotizava prisioneiro.

Roncherolles juntou as mãos e murmurou:

— Que vos fiz eu? Por que impedistes o monge salvar-me?

— Porque fui eu que pedi ao rei a vossa prisão Porque fui eu que voz fiz prender e recolher nest cubiculo . Tendo-vos derrubado com um gesto le de mão do alto do pedestal em que vivieis, seria absu do deixar-vos novamente subir.

— Fostes vós que me fizestes prender! — balbu ciou Roncherolles, aturdido. — Sim. Sim. Eu dev ter adivinhado. Eu accusava o rei. Eu accusava céo e a tua Somente a vós eu deveria ocusar grande infelicidade que cae sobre mim. Desde vosso primeiro olhar senti que devia odiar-vos. De de a vossa primeira palavra, senti que ereis meu in migo. Que vos fiz eu? Eu não sabia! Mas o que com prehendia era que um dia acabarieis por matar-m se eu não vos matasse. Muito bem! Nostradamus Estáes contente?... Dizei... Contemplae este cub culo!

Nostradamus, sem pressa, collocou a lanterna nu prego, e o cubiculo ficou um pouco melhor illumin do. E então voltou-se para o prisioneiro e, no mesm accento, disse:

— Eu poderia — disse elle — inflingir ao mons um castigo mais rude. Mas o monge tinha uma es cusa: era sincero. A esta hora a sua agonia já co meçou, e vae morrer desesperado. Eu contemplo es cubiculo. Mas vi um outro, antes deste; este é mui bem arranjado. O de que vos falo era immundo agua escorria pelas paredes, cahia do tecto em go tas lentas, as quaes pareciam lagrimas. O prisione estava preso pelos tornozellos. Eu vol-o conto: argollas eram estreitas e apertadas, de sorte que carne do infeliz formava em torno dessa argola u outra argola dupla, symbolo de soffrimento. O p sioneiro viveu assim durante mezes. Quando o mo ge descia a esse inferno, o prisioneiro lhe jurava p sua alma que nada tinha feito. Punha-se de joelho Chorava lagrimas de sangue. Tinha um pae... Su plicava ao monge que lhe permittisse salvar seu p O monge ia-se embora... Roncherolles, ouvi: Eu v nho em nome desse desgraçado. Julga que eu tenh feito bem em acabar com Loyola?

— Mas eu não sou Loyola! disse Roncherolles. Eu nada vos fiz!

(Continúa no proximo numero)

10.º TORNEIO DE PALAVRAS CRUZADAS

Enigma n.º 1, de Ronega

Ao amigo Renato Costa

CONCEITOS

Horizonaes:

1 — Phenicio. 6 — Unir. 7 — Interjeição. 8 — General belga. 9 — Ilha do Archipelago. 10 — Excesso violento de paixão.

Verticaes:

1 — Rabujento. 2 — Entanguir. 3 — Chamado vulgarmente o Bastardo de Orleans. 4 — Scisme. 5 — Genero de plantas.

Diccionarios:

Silva Bastos — Simões da Fonseca — Fonseca Roquette — A. M. Souza.

QUINTO TORNEIO COMPLEMENTAR

Solução do Enigma n.º 4, de Juca, publicado em 14 - 9 - 1940:

Horizontaes: 1 — Pó. 3 — Si. 5 — Oiro. 8 — Aman. 10 — Rer. 11 — Lei. 12 — Iznajar. 14 — Evo. 15 — Aljofre. 19 — Dia. 20 — Reu. 21 — Teor. 22 — Elra. 24 — An. 25 — Oh.

Verticaes: 1 — Pó. 2 — Eiri. 3 — Sair. 4 — In. 6 — Rez. 7 — Ornejar. 8 — Aljofre. 9 — Meã. 13 — Avo. 15 — Aden. 16 — Lio. 17 — Rei. 18 — Euro. 21 — Ta 23 — Ah.

Solução do Enigma n.º 5, de Pedro Romano, Publicado em 21 - 9 - 1940:

Horizontaes: 1 — Cara. 5 — Java. 9 — Arom (Mora). 10 — Orei. 11 — Rima. 12 — Saud (Duas). 13 — Omar. 14 — Essa. 15 — Sena. 19 — Tara. 23 — Orez (Zero). 24 — Iman. 25 — Lara. 26 — Rela. 27 — Agor (Gora). 28 Aias.

RESULTADO DO SETIMO TORNEIO DE PALAVRAS CRUZADAS

Decifradores e finaes para o sorteio a realizar-se pela Loteria Federal do dia 25 de Fevereiro de 1941:

1.º **Premio** — Uma assignatura por 6 mezes (Fevereiro a Julho) da Revista FON-FON: Pequenino — 1 a 12. Paraná — 13 a 24. Buridan — 25 a 36. Octavia Nunes — 37 a 48. Janira — 49 a 60. Lucia de Mello — 61 a 72. Numal — 73 a 84. Glorinha — 85 a 96.

2.º **Premio** — Uma assignatura por 3 mezes (Fevereiro a Abril) da Revista FON-FON: Mameluco — 1 a 7. Nina — 8 a 14. Major Vecê — 15 a 21. Mira — 22 a 28. Melagro — 29 a 35. Ronega — 36 a 42. Dupla Carioca — 43 a 49. Breque — 50 a 56. Marsan — 57 a 63. Lalá — 64 a 70. Lilita — 71 a 77. Jurava — 78 a 84. Zé Kanuto — 85-91.

Prevalecerão o 2.º e demais premios até desempatar.

SEXTO TORNEIO DE PALAVRAS CRUZADAS

Pelo final 4 da Loteria Federal do dia 30 de Novembro de 1940 foram vencedores os seguintes confrades: **1.º Premio:** Melagro. **2.º Premio:** Zé Kanuto.

Verticaes: 1 — Caro. 2 — Arim (Mira). 3 — Roma.

QUARTO TORNEIO COMPLEMENTAR

Pelo final 4 da Loteria Federal do dia 30 de Novembro de 1940 foram vencedores os seguintes confrades: **1.º Premio:** Octavia Nunes. **2.º Premio:** Zé Kanuto.

RESULTADO DO QUINTO TORNEIO COMPLEMENTAR

Decifradores e finaes para o sorteio a realizar-se pela Loteria Federal do dia 25 de Janeiro de 1941:

1.º **Premio** — Uma assignatura por 4 mezes (Fevereiro a Maio) da Revista FON-FON: Renner — 1 a 9. Melagro — 10 a 18. Janira — 19 a 27. Glorinha — 28 a 36. Jurava 37 a 45. Lucia de Mello — 46 a 54. Numal — 55 a 63. Lilita — 64 a 72. Octavia Nunes — 73 a 81. Paraná — 82 a 90. Pequenino — 91 a 99.

Prevalecerão o 2.º e demais premios até desempatar.

2.º Premio — Uma assignatura por 2 mezes (Fevereiro e Março) da Revista FON-FON: Palmyra Fernandes — 1 a 10. Madame Breguet — 11 a 20. Lalá — 21 a 30. Marsan — 31 a 40. Major Vecê — 41 a 50. Nina — 51 a 60. Mameluco — 61 a 70. Zé Kanuto — 71 a 80. Buridan — 81 a 90. Mira 91 a 00.

1 — Anara. 5 — José. 6 — Aras (Sara). 7 — Veus. 8 — Aida. 15 — Sola. 16 — Erag (Gare). 17 — Nero. 18 — Asar. 19 — Tira. 20 — Amel. 21 — Rala. 22 — Aras (Sara).

Enigma n.º 2, de Mameluco

CONCEITOS

Horizontaes:

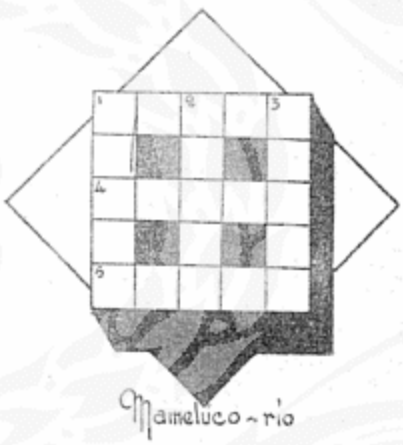
1 — A' coisa. 3 — Aconhecer. 5 — Seva.

Verticaes:

1 — A isto: para isto. 2 — Cidade fortificada Russia. 3 — Quadrupede semelhante a fuinha cuja pelle é preciosa.

Diccionarios:

Silva Bastos — Jayme Seguier — Fonseca Roquette — A. M. Souza.



Diccionarios — Os diccionarios adoptados nesta secção são: 1 — Silva Bastos — 2.ª edição. 2 — Simões da Fonseca — Edição pequena. 3 — Fonseca & Roquette — 2 volumes. 4 — Jayme Séguier. 5 — A. M. Souza — Dic. do Charadista — 2 volumes. 6 — Orlando Rego — Album do Charadista. 7 — Sylvio Alves — Brev. do Charadista. 8 — Chompré — Dic. da Fabula.

NOTA — No Enigma n.º 10, de Ronega (9.º Torneio de Palavras Cruzadas) publicado em 14 - 12 - 1940, a horizontal n.º 19 é: Especie de alfazema.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno ... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S./A.

Director: SERGIO SILVA

Direcção, Redacção e Officinas:

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62

Telephones: Administração: 22 - 4136

Director: 22 0377 — Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S./A.

Representante na Europa:

Comptoir Internacional de Publicité Garçon & Levindrey Rua Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa 1$000

Numero atrazado 1$500

Senhoras

GYSA

PROVIDENCIAL

O segredo da SAUDE e JUVENTUDE da mulher consiste na pratica, diaria, de hygiene intima, mas de verdadeira hygiene intima.

A perfeita hygiene intima feminina depende da excellencia do medicamento.

As senhoras que descuidam de sua hygiene intima ou praticam uma hygiene prejudicial á saude, não podem avaliar o erro que commettem.

O desenvolvimento do ventre das senhoras, o envelhecimento prematuro, aspecto cançado, na maior parte das vezes é provenient de doenças occasionadas pela defficiente hygiene intima.

"GYSA" é um **producto liquido** destinado á **hygiene intima da mulher**, cujo valor **scientifico** foi **proclamado na classe medica** e documentado por um **grande numero** de observações.

"GYSA", no tratamento da vaginite e metrite com grandes corrimentos catarraes e purulentos, age energicamente como adstringente, cicatrizante e revitalisador das mucosas do aparelho sexual fazendo **desapparecer em poucos dias de uso, as flôres brancas e corrimentos.**

"GYSA" é um producto do "Laboratorio Contratosse Lt.ª Rua Prof. Alfredo Gomes 9

Rio de Janeiro

(pelo correio 8$000)

NAS TOSSES E BRONCHITES O "CONTRATOSSE" E' NOTAVEL